

4084

OTECA PARA A INFANCIA

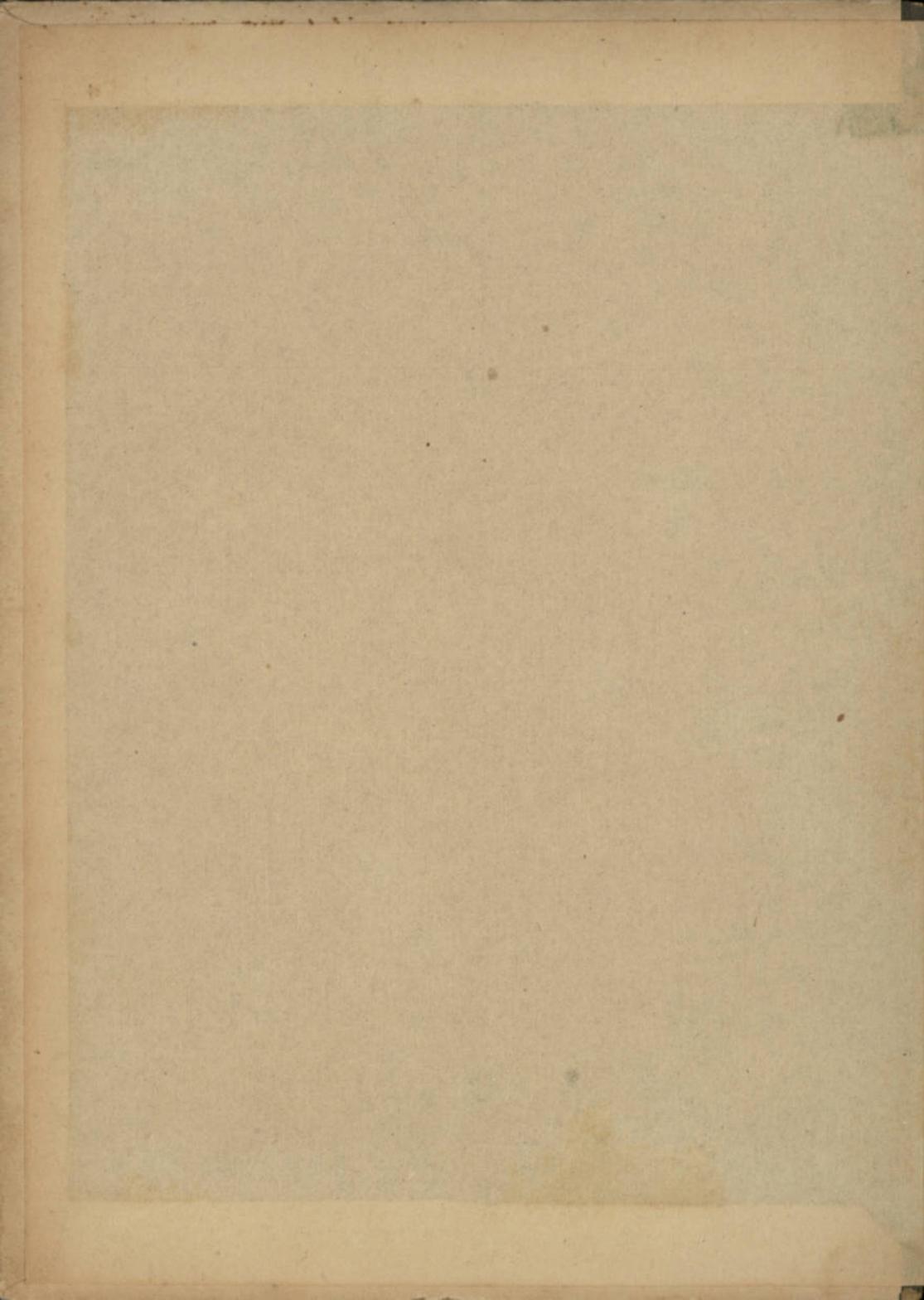
MARIA O'NEILL

O ANIMATOGRÁFO



PARCERIA A.M.PEREIPA  
LIVRARIA - EDITORA  
LISBOA

39



Lo

29899

O ANIMATOGRAFI



20  
29899



---

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

---

O ANIMATOGRÁFO



---

\*\*\* TIPOGRAFIA DA PARCERIA  
ANTONIO MARIA PEREIRA \*\*\*  
RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

## VOLUMES PUBLICADOS

---

- 1 — Horas de folga.
- 2 — Recreações infantis.
- 3 — Para ler nas férias.
- 4 — Por bom caminho.
- 5 — Para divertir.
- 6 — Alegrias.
- 7 — Histórias famosas.
- 8 — A fada loira.
- 9 — Contos da mamã.
- 10 — Para rir e pasmar.
- 11 — Feitos gloriosos.
- 12 — As ideias de Mimi.
- 13 — Proezas dum valentão.
- 14 — Maurício e Beatriz.
- 15 — Os bonecos de Joaquina.
- 16 — O Animatógrafo.

*Pp. 37.  
cap. 2.  
n. 11.  
g. 1742.*

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

POR

MARIA O'NEILL

*1-3  
Setembro 24.  
NF. 20787*

# O ANIMATOGRÁFO

CONTOS

ILUSTRAÇÕES DE SANTOS SILVA



*BIBLIOTECA NACIONAL  
LISBOA*



*4084*

1924

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

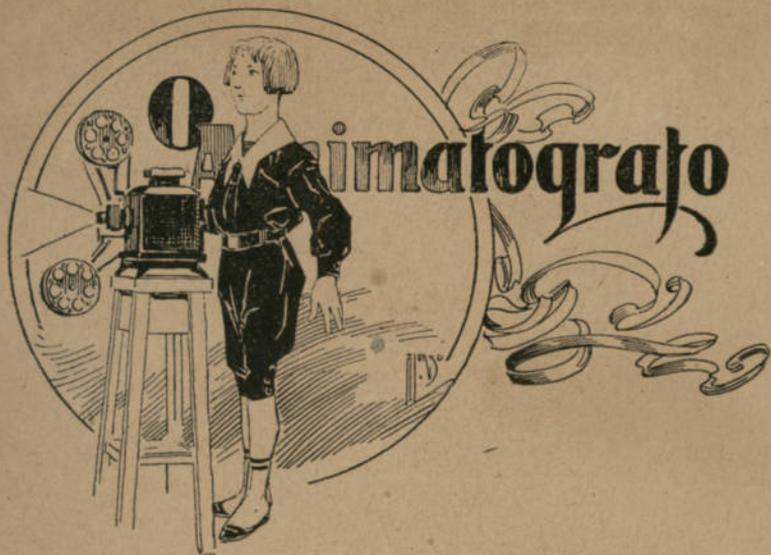
Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

18. 11. 1845.  
18. 11. 1845.  
18. 11. 1845.

18. 11. 1845.

18. 11. 1845.



Antoninho, um rapazinho muito gentil e estudioso, era o encanto da família e de quantos o conheciam. Perdera muito cedo a mãe, que não chegara a conhecer, e vivia com a avó e a tia, cujo excessivo afecto lhe não deixava sentir a perda sofrida.

— Todos os meninos teem uma mãe, e eu tenho duas, dizia êle jubilosamente.

Realmente assim era. O pai estimava tanto o filho, que fizera dele o ídolo da sua vida, sendo Antoninho o único objectivo de tôdas as suas acções.

Official do exército, aviador arrojado, tendo-se sempre distinguido na guerra, tinha a figura e porte dum rude guerreiro e, vendo-o, ninguém diria de que delicadeza, de que mimo e ternura, a sua alma de herói era capaz, aconchegando o pequenino ser ao coração

e adormecendo-o ao colo ao som de cânticos de guerra que brigavam com a meiguice em que envolvia num olhar fulgente o filho estremecido.

Foi com lágrimas que se separou dele ao partir para França, dessas lágrimas que não correm dos olhos, mas que parecem esaldar a alma.

Se o não tornasse a ver? Que torturas sombrias não teem as separações que se realizam na expectativa da morte, e que grande e incomparável prazer, que inefáveis júbilos se encontram no regresso ao lar após anos de dolorosa ausência, quando se julgou nunca mais voltar!

— Papá, pedia Antoninho a miudo, leve-me ao animatógrafo.

E o pai, que era um grande educador mas não tinha ânimo de lhe recusar cousa alguma, hesitava.

— Porque não fazes a vontade ao pequeno? perguntou o padrinho.

— Receio que o animatógrafo lhe faça mal.

— A' vista?

— Não, á educação. Só vejo no animatógrafo fitas de crimes, quadros dissolventes e, francamente, não são exemplos dêsses que eu desejava pôr diante dos olhos do meu filho.

— Tens razão, mas isso é fácil de remediar.

O padrinho, que era um rico banqueiro, muito conceituado na praça e em tôdas as camadas sociais, entendeu-se com as companhias de cinema para que todos os espectáculos diários fôsem próprios para as

crianças, comprometendo-se a cobrir o prejuizo que as emprêsas pudessem ter em resultado de tal decisão. Mas, com grande espanto de todos, os animatografos tiveram muita mais concorrência e, involuntariamente, foi Antoninho a causa de que a infância lisboeta tivesse espectáculos sãos.

Viam-se na sala muitas senhoras e homens que apreciavam a honestidade de pensamentos e de acções e que, ao sair da escuridão, traziam o espírito bem disposto como se tivessem aspirado o ar livre e embalsamado dos campos ou as puras brisas marinhas. É que o divertimento são tem uma acção tónica nos nervos, enquanto que o doentio é pernicioso e deprimente.

Contou Antoninho á madrinha as fitas que mais o encantaram e ela, juntando as que êle preferia, resolveu publicá-las em volume por serem realmente interessantes.

---



1.º FILM



A scena representava uma praça duma cidade de França no reinado de S. Luis.

Homens e mulheres, trajando á época, comentavam entre si um acontecimento incrível. Jéchiel, um notável físico da época, alarmava todos que viviam na vizinhança da sua habitação e em breve a nova, correndo de bôca em bôca, sobressaltou a cidade em péso.

Mal anoitecia, uma estrêla brilhantíssima aparecia em casa do grande sábio. O seu fulgor era tão intenso que a não podiam fixar. Tinha as côres do arco Iris e, segundo se dizia, não era alimentada por nenhum combustível conhecido.

Tendo o povo todo sabido do extranho fenómeno, começou a querer penetrar o mistério, e os homens menos ignorantes eram os mais curiosos.

—Não ha efeito sem causa, dizia um sábio, rodeado de outros, numa reunião que convocara em sua casa com o fim de acordarem no meio de desvendar a origem daquela esplêndida luz. Depois de larga discussão, ficou assente que, na noite imediata, o mais ousado de todos êles bateria á porta do famoso rabino e procuraria saber dele tôda a verdade.

Esperaram ansiosamente o aparecimento da noite, e, mal a estrêla se manifestou, o que se oferecêra para lhe conhecer a origem, avançou para a porta de casa de Jéchiel e estendeu a mão para a aldraba. Mas, mal lhe tocou, caiu por terra gritando por misericórdia.

Jéchiel, que o público via dentro de casa, sorria irónicamente ao tocar num prego que tinha na parade, toque precursor do efeito produzido, e espreitava por uma fenda da porta o que para além dela se passava.

Os curiosos retiraram-se apavorados, mas voltavam sempre em maior número e retiravam de novo pelas mesmas causas.

A curiosidade cedeu o passo ao mêdo e ao ódio, e em tôda a parte, desde a cabana ao palácio rial, não se falava senão na estrêla e no castigo dos curiosos.

Os que tinham caído por terra eram unânimes em desejar a morte de Jéchiel e acabaram por ir pedir ao rei a condenação do fisico a quem alcunhavam de feiticeiro.

S. Luís, que era justo e sábio como um verdadeiro

santo, não quis condená-lo sem o ouvir e mandou-o chamar ao paço.

A scena entre o rei santo e o sábio Jéchiel era muito formosa, não só pela sumptuosidade da sala a contrastar com a simplicidade do trajar rial, como pela humildade do rei ao ficar só com o sábio.

Preguntou-lhe a causa dos terrores que espalhara e êle explicou-lhe que não fizera mais do que estudar a electricidade até então desconhecida e só muito mais tarde descoberta oficialmente; disse-lhe que entendia não poder divulgar ao público um segredo que seria uma arma poderosíssima cujos efeitos poderiam ser terríveis em mãos ignorantes ou perversas. Convidou o rei a visitar as suas instalações e a observar os fenómenos por elas produzidos. Falaram das maravilhas da natureza e caíram ambos de joelhos, o rei aos pés dum Cristo de marfim, e Jéchiel no meio da casa, erguendo os braços ao ceu e exclamando:

— Senhor! Senhor! como pela grandeza dos teus meios nos mostras a nossa pequenez!

S. Luís, com a cabeça apoiada nas mãos, ajoelhado no genuflexório de púrpura, oiro e damasco, murmurava em êxtase:

— Senhor! eu te agradeço porque me mostras que a realesa da sciencia é superior áquela de que estou investido. Eu a farei respeitar para vosso serviço e honra.

Depois estreitou o sábio nos braços e chamou gente. Trocaram-se então os papéis. O rei era outra vez

rei e o físico um vassalo que sua majestade honrara querendo-o receber.

Uma noite, o rei foi a casa de Jéchiel e com grande pasmo de todos, tocou na aldraba da porta sem nada lhe suceder. Penetrando no átrio com os seus homens, passou á sala imediata, mas ninguem o pôde imitar.

Mal tentavam segui-lo, tinham de retirar o pé gritando.

Então o rei ordenou-lhes que o esperassem e, só com Jéchiel, afastou-se radiante:

— Também é dado ás vezes algum descanso aos reis, disse êle.

Escutou e admirou tôdas as explicações do físico, manifestando-lhe a maior estima e pedindo-lhe que não divulgasse o segrêdo, ao mesmo tempo que lhe assegurou protecção e amizade.

Por fim retirou-se acompanhado por todos, e a estrêla continuou a brilhar tôdas as noites na casa de Jéchiel.

Os supersticiosos passavam de largo, fazendo fijas e olhando a casa de soslaio, os católicos benziam-se e rezavam, e o resto do público, acabando por se familiarisar com o fenómeno, passou a olhá-lo com indiferença não tentando mais investigar-lhe a causa.

S. Luís protegeu sempre Jéchiel enquanto êle viveu. Quando o sábio rabino passava para o paço, o povo saudava-o com acanhamento não isento de receio.

Um cortezão perguntou-lhe um dia, enquanto êle esperava na antecâmara que o rei o recebesse:

— ¿Porque é que o rei, nosso senhor, pode tocar á vossa aldraba sem sofrer mal algum?

— Porque tem as mãos puras e a alma isenta de culpa.

Esta resposta calou no coração e no ânimo de todos a quem foi divulgada e aumentou a estima que já existia pelo rei, afastando os importunos e maus da casa de Jéchiel.

— Papá, perguntava Antoninho ao retirar-se do animatógrafo. ¿o que é a electricidade?

— É uma fôrça de origem desconhecida que causa vários fenómenos de atracção e de repulsão, emite raios luminosos e tem muitas outras manifestações. Foi descoberta por Thálès 700 anos antes de Cristo, mas ha quem diga que já era conhecida dos antigos egípcios e babilónios.

— ¿Tambem puxa os carros eléctricos?

— Tambem, e tem muitas outras applicações: é pela sua velocidade de 310000 kilómetros por segundo que communicamos a distância pelo telégrafo, telefone, etc.

— O' papá, ¿que diria a gente da época de S. Luís se ouvisse um gramofone e visse um eléctrico a andar sem cavalos?

— O mesmo que diz hoje qualquer aldeão que nunca tenha ouvido falar em nada disso.

—¿Então é a ignorância duns que causa a superioridade dos outros?

—Em grande parte, é.

—¿Mas, porque é só em parte?

—Porque as condições mentais de cada individuo diferem por natureza.

Antoninho ia já a fazer uma pergunta, mas o pai, prevendo-a, disse-lhe:

—Contenta-te com as respostas que eu te dei. Quem quer saber tudo duma vez, tudo esquece. Agora, que já te diverti, deixa-me levar-te a casa para ir divertir-me também dando um longo passeio a cavalo.

O pequerrucho obedeceu e nessa tarde, falando com a tia, levou habilmente a conversa para um trapo que da sua janela se via pendurado nos fios eléctricos e disse-lhe com naturalidade.

—¿Sabe a tia qual é a velocidade da electricidade?

—Eu não.

—Pois sei eu.

E reproduziu-lhe fielmente a fita que mais lhe agradara na sessão e as perguntas que por causa dela tivera de fazer ao pai, terminando por esta frase:

—Não ha dúvida: a estrêla de Jéchiel foi a melhor forma de eu saber algumas cousas curiosas, mas a mais interessante é ver que os ignorantes acham extraordinário e sobrenatural o que não entendem. Vou contar isto á minha avó.

E afastou-se contente, como se tivesse feito uma grande descoberta.



No primeiro quadro, aparecia um pequeno pastor com um pau ao ombro, trazendo uns sapatos enfiados nele. Olhava em roda como quem procura onde se hade dirigir. O seu ar era triste, mas cheio de resolução. Por baixo lia-se :

### Fui

Um pequeno pastor guardando o gado.  
Decidi vir viver cá na cidade.  
Não tenho pais, sendo um desamparado,  
Resolvo tudo á *fôrça de vontade*.

No segundo, aparecia o mesmo pequeno como trintanário dum automóvel esperando pacientemente.

que o patrão saísse da casa onde tinha entrado. O rapaz medita:

### Sim

Hei-de subir, ser homem muito honrado,  
Olhando o puro azul da Imensidade.  
Caminho, certo de que o mal passado  
Se vence e esquece á *força de vontade*.

No terceiro quadro, compra a casa do patrão e dá sociedade aos empregados que lhe agradecem muito comovidos; em seguida vê-os ir retomar as suas obrigações e murmura da porta enquanto os segue com o olhar:

### Não

Nunca perdi o fito que me hei dado:  
Atingir, por mim só, a claridade,  
Impor-me a todos pelo meu bom lado  
Pois tudo vence a *força de vontade*.

4.º quadro: Num palácio magnífico, o pastor, tornado já um grande senhor, vê os filhos brincar no parque; êle conta a sua mulher os trabalhos da mocidade, terminando pelos versos que o público tem na sua frente:

## São

Estes desejos puros que hei traçado  
Que me deram lugar na sociedade,  
Chegando pouco e pouco a um alto estado.  
Tudo venci com *fôrça de vontade*.



... sentada a seu lado...

No quinto quadro está doente de cama, já velho, mas com uma grande expressão de feliz serenidade no rosto e explica á mulher, sentada a seu lado, o que pensa, nestes dizeres:

## Irei

Além da morte, irei acompanhado  
Pelas almas riosas de verdade  
Que em pensamentos tenho edificado  
Pela infinita *fôrça de vontade*.

O sexto e último quadro é uma linda apoteose: eleva-se entre nuvens, transfigurado, luminosamente belo, com uma suprema felicidade nas feições, e a pouco e pouco desaparece no espaço, ficando em seu lugar

### Serei

Aquele que se tendo dominado,  
Atinge a glória na immortalidade.  
Deu Deus aos homens que o tem sempre amado,  
O poder de vencer *pela vontade*.

Antoninho e o pai, saindo do animatógrafo, conversavam.

— Qual foi o film que te agradou mais?

— O Forte, respondeu o pequeno.

— ¿ Pois não eram mais bonitos aqueles quadros de guerra?

— Eu não gosto de lucta á mão armada, pai.

— Então?

— Acho mais interessante o homem que se vence a si do que o que vence os outros; mas ha uma cousa que eu gostava de saber.

— Qual é?

— Como se exercita a vontade. A certeza de conseguir quanto se quer deve ser muito agradável!

— Não ha dúvida, mas todo o homem que se presa consegue isso.

— Como?

— Contraria-se em pequenas cousas para que a vontade superior se habitue a vencer o desejo inferior.

— Por exemplo?

— Não tens desejo de estudar? Pegas no livro e estudas; não tens desejo de sair? ficas em casa. Apetece-te falar? Cala-te.

— Mas isso é viver numa contrariedade constante!

— De modo algum, visto que ninguém te impõe e tu o fazes livremente. Demais a satisfação que dá a confiança e a consideração que tomamos a pouco e pouco aos nossos olhos, é larga compensação ao sacrificio, se sacrificio existe. . .

— Impor a nossa vontade aos outros é mais agradável. Quando o Fernando faz o que eu quero, fico sempre mais satisfeito do que quando faço a vontade dele.

— E' natural, mas não está em harmonia com a tua opinião de ha pouco.

— Qual?

— Achar, como realmente é, preferível o homem lutar para se dominar, a dominar os outros. Dominar os outros é a origem de tôdas as guerras.

— ? E dominar-se a si próprio?

— É a única possibilidade de paz universal. Nunca esqueças que a colectividade se compõe de indivíduos e que é das noções mais ou menos claras que elles teem da vida que surge a paz ou a guerra.

— Vou começar a aperfeiçoar-me pelo esforço da vontade.

— Como?

— Hoje, quando a tia Alcina á noite me vier contar histórias para eu adormecer, digo-lhe que um homem não precisa de histórias, que apague a luz e se vá deitar.

— Aprovo a tua decisão: é judiciosa.

— Porquê?

— Eu te digo: tomas espontâneamente uma resolução que, o mais tardar dentro de um mês, teria de te impor. Eu sei querer e quero que sejas um homem ás direitas e não um D. Fagundes qualquer. Ora só os rapazes piegas adormecem com histórias.

— Tens razão, paisinho. Eu hei de ser um forte.

E nessa noite, com grande espanto da avó e da tia, Antoninho, quando soaram nove horas, declarou que se ia deitar e não queria companhia. Êle tinha vontade e sabia empregá-la.

As duas senhoras olharam para o pai de Antoninho com pena, julgando que o pequeno cumpria uma ordem dele.

Envaidecido pela acção do filho, o illustre official respondeu á muda censurá daquelle olhar:

— Enganam-se; é uma resolução tomada por êle.

As duas senhoras olharam-se espantadas. O pai do pequeno Antonio volveu-lhes:

---

—É para que vejam se eu tenho ou não razão quando digo: «o animatógrafo pode fazer muito bem ou muito mal, segundo a moralidade das peças e dos sentimentos e impressionabilidade dos ouvintes».

---



# Oual é mais rico?

3.º FILM:



Duas crianças brincavam num formoso e cuidado jardim. Uma era rica, outra era pobre, trajando uma com elegância sumptuosa e a outra com humildade e asseio.

São rapazes. O primeiro é filho do proprietário e o segundo do jardineiro. Riem e folgam despreocupadamente até que o preceptor do primeiro o vem chamar para a lição.

Afastam-se os dois com visível contrariedade de Pedro, o futuro possuidor daquela riquíssima vivenda. João, o pequeno do jardineiro, entra na pequenina casa de seu pai e volta com um livro na mão, sentando-se a estudar com interêsse num dos bancos do jardim.

No segundo quadro vê-se a sala de estudo de Pedro. O professor exaspera-se. Êle não sabe cousa

alguma! E' forçoso fazer queixa ao pai. Chama um criado e pede-lhe que previna o senhor de que lhe precisa falar. O criado volta dizendo-lhe que o siga. Pedro fica só, mas em vez de se contristar pensa em se vingar do professor, que é careca, metendo-lhe no chapéu um molho de ortigas que saiu a buscar.

Depois, voltando a executar, risonho, a premeditada maldade, numa má inspiração, ata um cordel á ponta de um tapete e volta a sentar-se á mesa com um ar fingidamente compungido.

Instantes depois, volta o snr. Simões seguido de seu pai que lhe diz secamente que terá de recolher a um colégio como aluno interno. Despede-se de Simões e sai. Este, por seu turno, mostra-lhe que, sendo impossível educá-lo, a sua consciência lhe impõe que se retire.

Pedro, mostrando-se pesaroso, vai buscar-lhe o chapéu e chama-lhe ao mesmo tempo a atenção para o mapa pregado na parede, objecto que causára a decisão extrema do professor.

O senhor Simões pega automaticamente no chapéu, olhando para o mapa, e ao transpor a porta para o jardim põe-no na cabeça. No mesmo momento Pedro puxa o cordel preso ao tapete e o velho cai tropeçando e soltando um grito. O chapéu é cuspidor a distância.

Pedro chama os criados, mas corre a apanhar o chapéu lançando as ortigas disfarçadamente através dum arbusto.

Corre o jardineiro, dois criados e a governante. O pai vem saber de que se trata. O pobre do professor



... e o velho cai, tropeçando...

tem uma entorse, não pode andar. Um dos criados faz notar ao sr. Mendes, pai do endemoninhado rapaz, o cordel preso á ponta do tapete.

O jardineiro acusa Pedro de ter apanhado as or-

tigas, quando o professor se queixa da cabeça. Procuraram-nas e encontraram-nas caídas atrás do arbusto para onde Pedro as deitára.

A scena termina por o senhor Mendes obrigar Pedro a pedir perdão ao snr. Simões, applicando-lhe em seguida uma valente açoiteia.

No 3.º quadro vê-se o pobre professor entrando para o automóvel do pai do seu discípulo, acompanhado a casa pelo jardineiro e um criado.

No dia seguinte, o pequeno João vai saber dele, mas Pedro e seu pai não vão nem mandam.

O senhor Simões, comovido com a espontânea delicadeza do pequenito, oferece dar-lhe lições, o que elle aceita com grande satisfação e regosijo do pai.

4.º quadro. Pedro entra para um dos melhores colégios da capital, onde faz as maiores tropelias, acabando por ser expulso. Vai para casa e o pai obriga-o de novo a estudar; mas nunca consegue que elle faça um exame.

João já tem o 5.º ano do liceu e segue regularmente os seus estudos, sempre protegido pelo snr. Simões.

Pedro quis dissuadi-lo de estudar e convida-o a acompanhá-lo nos seus divertimentos.

João não aceita, fazendo-lhe ver que os meios em que vivem são diferentes e que os amigos de Pedro o não considerariam quando soubessem que elle era filho do jardineiro.

Pedro consegue que elle o acompanhe nos passeios

a cavalo para o campo, quando sai só, mas com a condição de se ausentar logo que chegue um ricoço.

—Os pobres, diz-lhe êle, também tem o seu orgulho.

5.º quadro. Estão já homens. João trabalha activamente na casa bancária onde se empregou; Pedro dissipa todo o dinheiro que pode. Morre-lhe o pai e entra na posse da fortuna, o que equivale a arruinar-se.

6.º quadro. Está pobre. Vai bater á porta de João que, com grande pasmo dele, lhe oferece a sua casa e metade do que tem, pedindo-lhe que se regenere.

7.º quadro. Acordam, enfim, em Pedro o arrependimento e a consciência ante o nobre desinterêsse do seu companheiro de infância, e recusa aceitar.

João insta, repetindo-lhe uma máxima do nosso grande Antonio Vieira:

—Acredita, Pedro, não é mais pobre quem tem menos, senão quem necessita de mais.

—Tens razão,olveu Pedro corando, tornar-me-hei digno da tua generosidade.

8.º e último quadro:

Pedro trabalha: está satisfeito e regenerado. Um antigo amigo do pai oferece-lhe fazê-lo sair da media-nia. Êle recusa pedindo-lhe que proteja os seus amigos mais pobres, que precisam mais do que êle. O outro olha-o espantado, e êle conta-lhe a miséria a que chegou antes do seu regresso do Brazil e o que

deve á amisade de João e á máxima do P.<sup>o</sup> Antonio Vieira.

O velho amigo de seu pai meditou e resolveu criar uma associação de auxílio aos moços que sinceramente se queiram regenerar, a que dará por divisa a maxima que regenerou o filho do seu amigo e por título o nome do extinto.

Saíndo do animatógrafo, Antoninho ia meditativo.

— Que tens? perguntou-lhe o pai.

— Nesta fita ha muita cousa triste.

— E' como na vida, meu rapaz, ninguem tem só alegrias e prazeres. O que ha nela é muita verdade.

— Em quê?

— Em tudo. Olha-me para aquele pai. Não pensa senão em acumular fortuna, julgando que quem tem dinheiro tem tudo.

— E não tem?

— E' um engano. Não cuidou a educação do filho e êste teria morrido de fome e miséria, se não fôsse o filho do seu jardineiro no qual talvez êle nunca reparou. Se tem dado ao filho a nítida compreensão dos seus deveres, nada disso tinha sucedido.

— Então o banqueiro é que teve a culpa dos actos do filho?

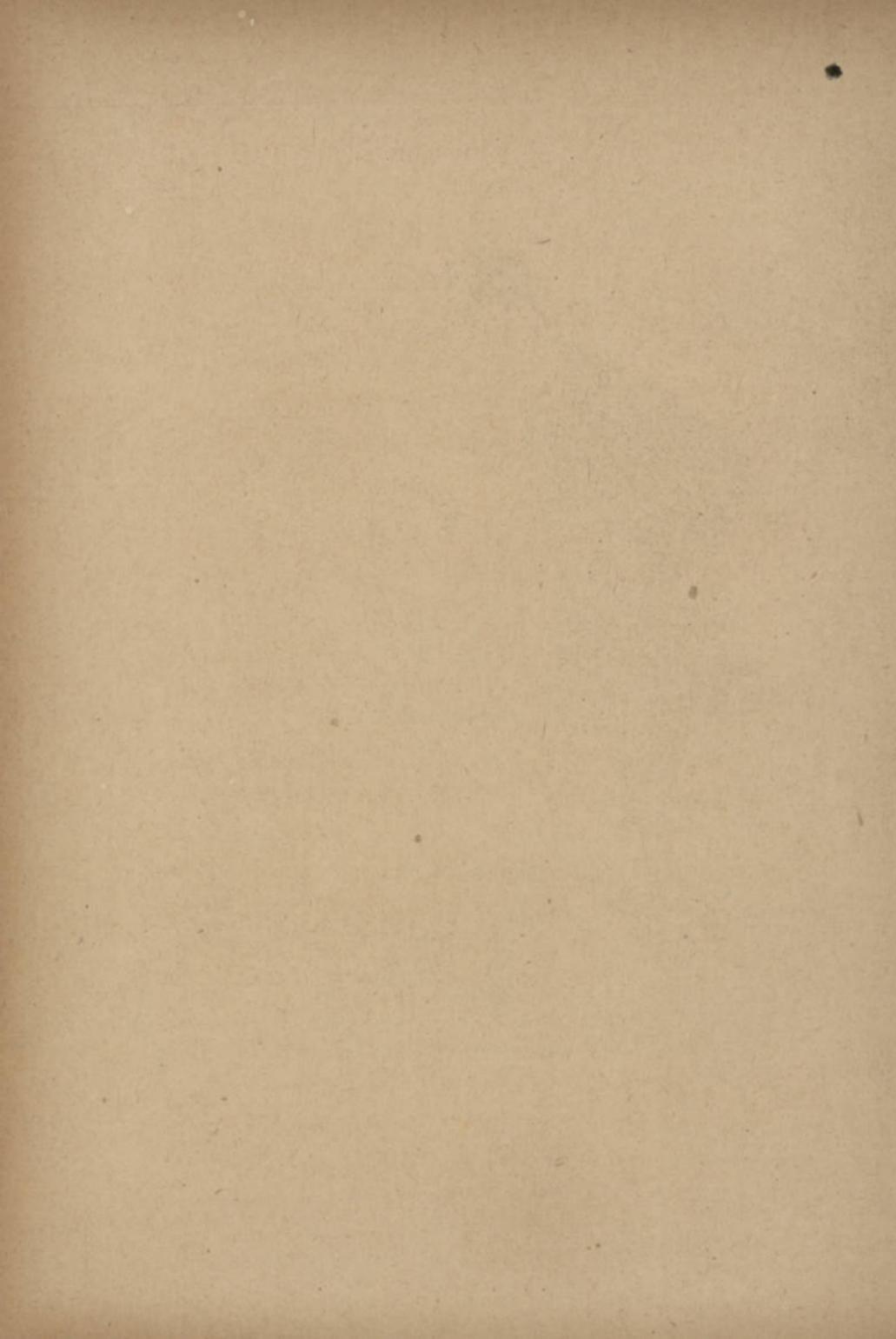
— Principalmente, porque descuroou a sua educação. Se o tivesse habituado a escutar a voz da consciência, despertando-lha, Pedro teria tido outra con-

ducta e o emprêgo da sua fortuna poderia ter sido bom para êle e util a milhares de pessoas.



— Nesta fita ha muita cousa triste.

E a conversa proseguiu sôbre o mesmo assunto por largo tempo.





Era muito interessante o primeiro quadro desta película. Aparecia uma linda fada, vestida de branco, tendo os cabelos loiros soltos pelas espáduas, e sôbre a cabeça um grande fecho de luz eléctrica. Em volta do seu corpo espalhava-se uma resplandecente claridade.

Esta fada, vendo a maldade do mundo, mandara á terra dois de seus filhos para moralisarem o povo. Eles deixaram os trajos luminosos que usavam, idênticos aos de sua mãe, e tomando hábitos e bordões de peregrinos, seguiram para a terra.

Com grande espanto seu, vieram aparecer num país dos mais civilizados em pleno século XX.

Mas as fadas, com serem fadas, não reflectem muita vez melhor do que os homens. A fada lumi-

nosa, mandando á terra seus filhos, foi levada por um irreflectido sentimento de piedade.

Parecia-lhe que quem praticava o mal era porque não conhecia o bem e que, se lho ensinassem a discriminar, bastaria para que todos imediatamente se tornassem bons e pudessem gosar as mesmas vantagens que ela tinha no mundo que habitava.

Ora as condições da terra, onde tudo é mais denso e grosseiro, era o primeiro obstáculo aos caritativos desejos da bôa fada. Mandando os seus filhos descer até nós, expô-los a muito porque a sua pureza era vítima da nossa maldade.

Nada disto ela pensara. E os dois peregrinos, passando atravez das aldeias, vilas e cidades, sentiam que a acção que tinham por missão exercer, era como uma gota de água que se perdia no oceano.

Apesar de serem seres superiores, desanimaram e sentaram-se no chão, chorando.

Então a fada luminosa appareceu-lhes de repente e perguntou :

— Porque choram ?

— Todo o nosso esforço é inutil; os homens são tão maus, que não querem reconhecer as razões da sua própria conveniência. Zombam de nós, maltratam-nos e são cada vez piores. Para que nos mandaste aqui ?

— É que, fazendo-vos descer á terra, conservei-vos as boas qualidades esquecendo-me de vos dar a visão superior para não serdes enganados. Eu vos fado para

que daqui em diante possais ver a côr dos pensamentos e das emoções daqueles de que vos aproximardes. Assim, se vos aproximardes de um homem colérico, vós sabereis pela côr vermelha que o cerca, que éle o é. Se virdes negro, sabereis que o ódio e a malvadez predominam no seu carácter. E assim distinguireis as pessoas com quem tereis de tratar.

—Mas isso é difícil de aprender.

—Para qualquer outro que vós, decerto; mas para os meus filhos, não. Assim como vos faço ver far-vos-hei perceber.

Contentes com a promessa, os dois peregrinos limpavam os olhos e seguiram o seu caminho.

Não teriam feito mais dum quarto de légua quando viram á margem da estrada uma casa em volta da qual pesava uma grande nuvem castanha, côr de ferrugem.

—Que grande avarento ali mora, meu irmão, disse Alvaro; ¿ como havemos nós de nos aproximar duma gente assim?

— Não pedindo, mas dando. É qualidade destes viciosos receber.

— Mas que lhe havemos nós de dar sendo tão pobres?

— Nem só o dinheiro tem valor . . . deixa o caso comigo.

E chegando perto da casa, tocou a campainha, pedindo auxílio á Fada Luminosa.

Apareceu um criado com aspecto reservado.

— Diga ao seu patrão se quer que lhe dê umas sementes que trouxe da Terra Santa. Eu não vendo nada : dou.

Desconfiado, o criado perguntou :

— Mas que vantagem tem o senhor em dar ?

— A mesma que vós tendes em receber.

Sem compreender o alcance da resposta, o criado afastou-se e, pela côr que o circundava, conheceram que a curiosidade faria com que influísse no patrão para os receber.

Realmente, momentos depois eram mandados entrar numa sala elegante e cômoda, mas onde as côres do egoísmo e da avareza predominavam. Ao fundo, perto duma janela, sentava-se o dono da casa.

Faixas transversais de côr cinzenta e castanha envolviam-lhe o corpo. Alvaro fez notar a Manuel que o egoísmo e o mêdo pesavam sôbre o corpo do rico proprietário.

Manuel, aproximando-se, disse-lhe :

— Senhor, nós somos dois peregrinos que vimos da Terra Santa. Apanhámos ali magníficas sementes de árvores que lançam flôres de utilidade nunca vista e desejaríamos dar uma pequena porção a cada homem que tivesse um sítio para as plantar.

— E que vantagem tendes nisso ?

— Apenas a satisfação moral de ver acabar a miséria na nossa terra, senhor.

— Mas se essas sementes podem dar origem a for-

tunas ; porque as não semeais vós utilizando-as em proveito próprio ?

— Porque o nosso desejo é servir a humanidade e não os nossos interesses. Escutai com atenção : «É mais fácil entrar um calibre pelo fundo duma agulha do que um rico no reino dos ceus.» Adeus.

E voltou-lhe as costas.

— ; Então, irmão, retirais-vos sem me dardes as sementes ?!

— Já vo-las dei. Meditai essas palavras e ficai com Deus.

E os dois peregrinos saíram sem vóltar a cabeça.

Dali seguiram para uma aldeia. Sôbre uma pequena casa havia uma nuvem dum amarelo luminoso e claro.

— E' um sinal de alta intellectualidade, murmurou Manuel, vamos lá.

— Não. Eu prefiro dirigir-me aos sítios onde predominam as más côres ; é neles que a nossa obra piedosa pode dar algum resultado.

— Então olha para ali : escarlate vivo.

— Cólera ! ; Achas-te com ânimo de afrontar um animal assim ?

— Tentemos.

E os dois peregrinos aproximaram-se da casa, batendo levemente á porta.

Uma voz avinhada e colérica perguntou :

— Quem bate ?

— Alguem que não é da terra e pede agasalho a trôco de dar uma lição.

— Não preciso de lições.

— Pois olhe que a que eu lhe dava não era difícil de aprender e de alguma cousa lhe serviria.

— ; Então que vem a ser?

— O modo de castigar os outros.

Os olhos brilharam-lhe de satisfação.

— Diga sempre . . .

— Perdoar-lhes as injúrias e suportar-lhes os defeitos com paciência . . .

— Ai que marotos!

E irado, pegando num pau que tinha ao canto da casa, o camponez correu sôbre êles, deixando cair num só golpe a sua cólera sôbre a cabeça de Alvaro que baqueou e caíu.

— É assim, disse-lhe serenamente Manuel, que vós tratais os que querem o vosso bem? O que guardais então para os que vos aconselham mal?

O pau ergueu-se de novo e teria victimado também o segundo peregrino, se uma voz vigorosa e autoritária não exclamasse da porta:

— ; Que é isso, Victorino?

Era o médico da aldeia. Manuel explicou-lhe o sucedido, e o Doutor sorriu:

— Pobre gente! ; Pretendeis endireitar o mundo! É em vão! Ajuda-me a transportar a tua vítima para minha casa, Victorino. Vamos a ver se remedeio o grande mal que fizeste, grande bruto!

Envergonhado da sua feia acção, o camponez tentava desculpar se:

—Aparecem-me êstes conselheiros... Ora conselhos até as paredes os dão... Eu não os conhecia de parte alguma...

— Bem, bem, não falemos mais em tal.

Nessa tarde, Manuel e Alvaro, com a cabeça ligada, sentavam-se ambos á mesa do bom doutor e explicavam-lhe que tinham a missão de melhorar o mundo.

— Mas isso não se faz assim. Os senhores, embora tenham grandes almas, faltam-lhes os mais elementares conhecimentos daquilo que nós estamos habituados a chamar vida real ou prática.

E fez-lhes uma larga exposição das suas ideas.

Nessa noite, ao soarem as doze badaladas no sino da igreja, a Fada Luminosa entrou pela janela em casa do doutor.

Êle sentou-se na cama dum salto.

Julgava estar sonhando.

— ¿ Quem és tu, visão sublime?

— ¿ Que te importa? Chamam-me a Fada Luminosa e nem eu sei quem sou... Venho ouvir as vossas ideias sôbre educação.

— Ê na Escola e só pela Escola que se podem modificar as gerações. Ensinai os estudantes a estudarem-se olhando no íntimo e convencendo-os de que só êles são os seus verdadeiros mestres.

Prolongou-se a conversa.

Com grande pasmo de tóda a aldeia, no dia seguinte, uma escola se abriu no rez do chão da casa do médico. O abade veio assistir á inauguração. Nada faltava ali. O Dr. disse que era uma surpresa preparada desde longo tempo, mas o que era certo é que tudo que ali se via tinha aparecido a um gesto da varinha da Fada Luminosa. Os dois peregrinos são os mestres e a sua bondade, aliada á do abade e á sciência do médico tornaram a escola um modêlo.

Anos depois, os dois peregrinos afastaram-se dali por já nada lá terem a fazer e sôbre a formosa aldeia de Sever viram, ao afastarem-se, côres formosíssimas: o côr de rosa puro, dum amor elevado, o brilhante azul da devoção, e o amarelo da intelectualidade.

Reinava ali o mais puro altruismo devido ás lições de bondade dos peregrinos, guiadas pela sciência do erudito doutor Galvão.

No fim do film lia se esta divisa, de que o doutor fizera o lema da escola: «Conhece bem o indivíduo para o poderes modificar».

— Esta fita, papá, se não fôssem as lindas côres e a figura da fada, seria muito maçadora.

— Achaste? Pois eu não.

— É que ha cousas que não percebi bem. ¿ Para que veio o avarento e o colérico? Não tornámos a ouvir falar deles.

— O primeiro e o segundo deviam ter aproveitado qualquer cousa porque nada se perde; mas foi pouco ou nada para o muito que os peregrinos arris-

cavam. Isto afinal não passa dum modo de chamar a atenção para a escola, não como ela é, mas como devia ser.

— A Fada é bonita.

— Ou ela não fôsse luminosa. Já viste luz feia?

— Não ha.

Nessa noite, em conversa com a avó, Antoninho censurava o mau gosto de porem fadas nos *films* o que, dizia êle, dá noções erradas aos espectadores, porque o que é certo é que nada, no mundo, aparece por encanto.

A avó e a tia concordaram, mas como tinham sido criadas com contos de fadas gostavam de os ouvir.

No domingo seguinte, entrou em casa o pai de Antoninho, dizendo-lhe:

— Veste-te depressa se não queres perder a nova fita: é longa e disse-me o empresário que é cousa de muito gosto.

— ¿ Como se intitula?

— *As manhas de Satanaz.*

— ¿ Então temos o diabo em scena?

— Não sei, mas o título é sugestivo.

Antoninho vestiu-se á pressa e, quando chegaram ao animatógrafo, acabavam de apagar as luzes. Era tempo. Sentaram-se e fitaram curiosamente o *écran*.

Apareceu primeiro um actor, moço e gentil que cumprimentou o público com modo gracioso. Depois o mesmo, no papel de Satanaz, *fazendo esgares e ca-*

*retas* que muitos dos assistentes não gostaram de ver.

Antoninho riu.

— ¿ De que te ris? perguntou-lhe o pai.



...fazendo esgares e caretas...

— Do público: ainda parece mais criança do que eu.

— Pschuu! fez um visinho como se a conversa o importunasse.

A Satanaz sucedeu uma menina, muito branca e loura, que se transformou rápidamente num anjo e

subiu ao ceu. A esta succedeu ainda um rapaz vestido de marinheiro, moço, forte, de expressão risonha que se transformou num velho eremita apagando-se em seguida.

— São os protagonistas dos tres papéis principais.

No primeiro quadro appareceu uma rapariga, pequena, branca e loura, que devia ser a adolescente de mais tarde. Brincava na praia, vestida de banho. O feio Satanaz aproximava-se dela lentamente e parecia segredar-lhe umas palavras. Ela erguia a cabeça, sorria com ar de revolta e, como se recebesse uma súbita inspiração que a enchia de júbilo, ia pôr em prática uma maldade.

Êste jôgo repetiu-se tres vezes.

Da primeira, soltou uma barca que estava amarrada e que, ao sabor das águas, lá foi levada pela corrente. Da segunda, desviou a atenção da mulher do pescador para outro lado, e da terceira, partiu correndo a buscar o pobre pescador para que êle visse que a barca tinha desaparecido.

De tôdas estas vezes, Satanaz, sem procurar ser visto, antes fazendo o possível para passar despercebido, ria muito mostrando-se regosijado com o mal alheio.

O desespero do pescador, vendo-se sem a barca, seu único ganha-pão, foi enorme, e Lili, a pequena endiabrada, chorou quando percebeu a extensão e maldade do acto praticado. Mas já era tarde!

Na praia, o pescador arrancava os cabelos, soltan-

do imprecações, e a mulher e os filhos soluçavam em volta dele.

No 2.º quadro, Lili, sempre tomando por inspiração os conselhos do perverso Satanaz, deixa a pobreza da sua família para seguir uma opulenta família da cidade que lhe prometia tratá-la como filha e dar-lhe vestidos de seda. A mãe diz-lhe desoladamente adeus e fica apoiada ao ombro do marido, vendo a filha afastar-se sem pena, ricamente vestida.

No 3.º quadro, Lili reconhece que o dinheiro não dá tudo. Falta-lhe o carinho da mãe e lançam-lhe constantemente em rosto os benefícios recebidos.

No 4.º, já educada como senhora, volta á terra. Os pais, bem que seus amigos, vão visitá-la a casa das senhoras e já não se atrevem a abraçá-la expansivamente: tem medo de a sujar e de que ela não aceite bem as suas carícias.

João, o lindo marinheiro que vimos no princípio, seu companheiro de infância, não se atreve a tratá-la por tu. Ela sente-se deslocada e triste: Não é nada para uns e é considerada superior por aqueles de quem é igual.

Satanaz ri sempre, seguindo-a quasi como sombra.

No 5.º, Lili medita, e em vez de notar que tudo quanto lhe acontece é devido á impulsividade dos seus actos, julga-se infeliz, mas não se emenda. Resolve abandonar a família que a criou e ir ser mestra, vivendo do seu trabalho sem humilhações de ninguem.

No 6.º, acha trabalho, mas não conhece o valor do dinheiro e, julgando que êle dá para tudo, vê-se sem nada para o que é necessário, mas com a casa cheia do supérfluo. Quando conhece o seu êrro, está gravemente doente.

Então o seu anjo da guarda, aproveitando a momentânea ausência de Satanaz, toma o lugar dele, como mais duma vez tinha tentado, e mostra-lhe que nada do que a rodeia tem valor.

Ela começa a desfazer-se do supérfluo para adquirir o necessário, recupera a saúde e, desdenhando grandezas, volta á terra para viver com os pais.

Estes já tinham morrido. Na sua casa, a porta está fechada. Vai á do seu companheiro de infância e aparece-lhe a mãe dele que lhe diz que êle partiu para muito longe. Ficam vivendo as duas e um dia volta o marinheiro.

Ha grande alegria, casam com grande satisfação dá velhinha e deles, e teem muitos filhos.

Lili agora é sempre acompanhada pelo seu anjo da guarda, e segue a voz da consciência e não os impulsos que lhe veem de Satanaz.

No 7.º, já muito velha, vendo os filhos todos casados, é levada ao ceu pelo seu bom anjo enquanto a familia chora em volta do cadáver.

O marido, velho, mas forte, constroe uma capelinha no alto dum monte e põe-lhe logo na porta uma cruz, o que afasta Satanaz que desejava aproximar-se. Faz-se eremita e passa o resto dos seus dias esten-

dendo os olhos pelo mar, sôbre as águas do qual tanta vez se aventurou, e fazendo cestos de vime que lhe garantam o sustento, porque não quer ser pesado aos filhos que de longe em longe o veem visitar, mas, só com a Natureza, esta alma forte e boa sente-se feliz.

No 8.º e último quadro, vê-se o neto levando-lhe o jantar, e êle entregando-lhe o trabalho.

Depois despedem-se, e êle fica no alto do monte estendendo os olhos pelo azul infinito.

— Não gostei, decretou Antoninho.

— Porquê?

— Acho triste.

— Então, nem tôdas as fitas podem ser alegres. Esta não é muito triste: é a vida, apresentada duma maneira simbólica.

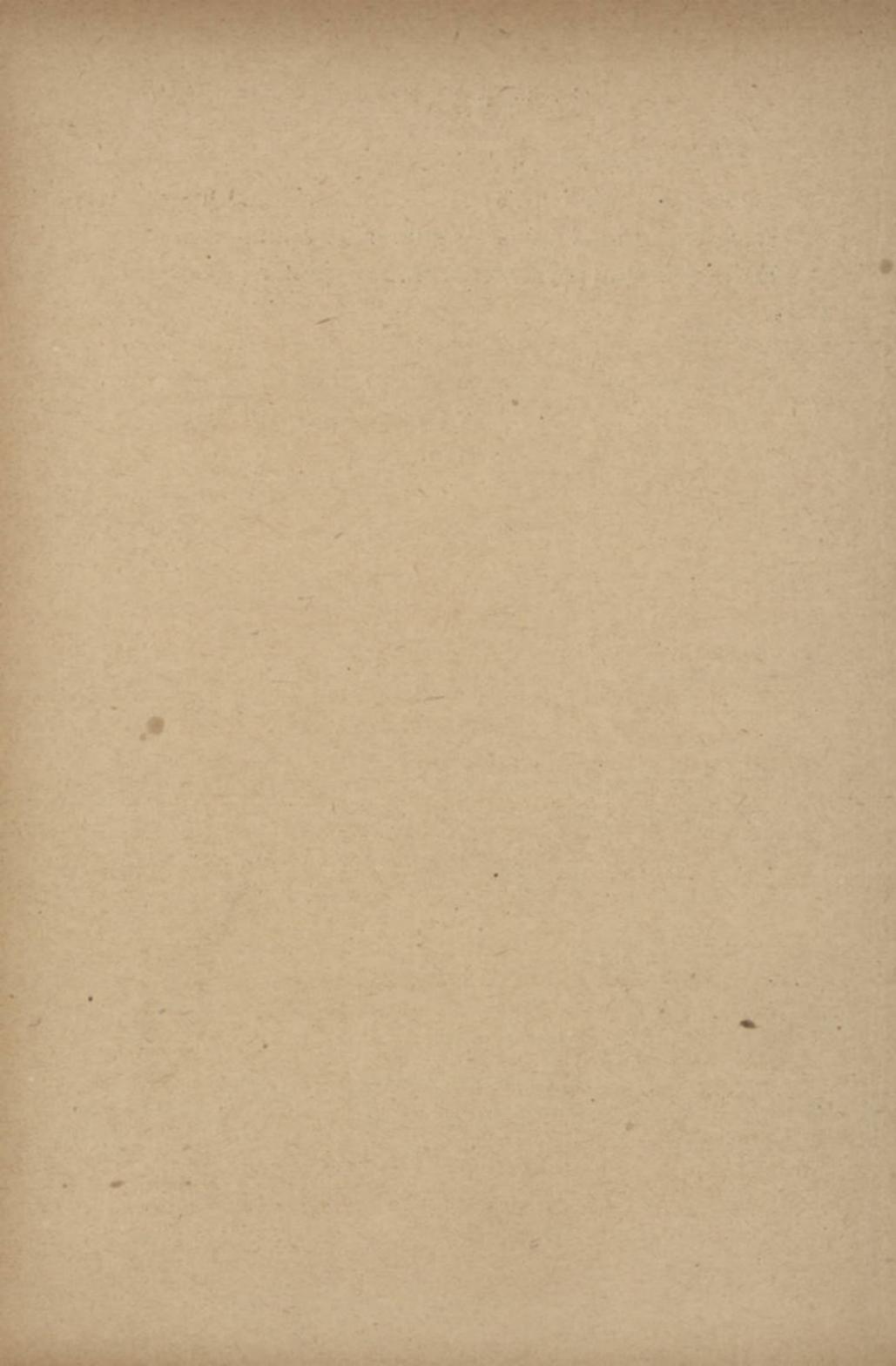
— O que é simbólica, paisinho?

— É um adjectivo que significa um conjunto de símbolos dum culto ou época. E como não ficas mais adiantado com isto, vejo-me forçado a dizer-te que símbolo quiere dizer sinal pàrticular pelo qual se reconheciam entre si os iniciados nos mistérios do culto, imagens a que se atribuem determinadas significações. Por exemplo, nesta história, que te não agradou, Satanaz é o símbolo do mal influindo perniciosamente por impulsos no espírito da criança. Quando ela conhece que tem a culpa do que lhe acontece, reflecte, ouve a voz da Consciência, e aparece então o anjo como símbolo do bem.

—Eu não gosto de símbolos.

—Porque ainda os não comprehendes bem. Quando tiveres mais idade, has-de mudar de opinião.

E dirigiram-se para a casa onde o jantar já esperava.



5.º FLIM



Antoninho voltou ao animatógrafo e desta vez, entusiasmado com a fita, contou á tia o enrêdo.

Bibi não tem ainda um metro de altura. Não é bonita, mas muito engraçada e duma grande tagarelíce. A sua imaginação, que se compraz em inventar histórias que conta aos irmãos mais velhos, não conhece limites. A' tarde, quando a mãe se senta a costurar no jardim e o pai lhe lê em voz alta as notícias do dia no jornal de mais circulação, que, na pressa de ir para o emprêgo, não pôde ler de manhã, ela senta-se na borda do tanque, enrola as mãos no bibe e olhando a sua imagem reflectida na água, pergunta distraidamente aos irmãos:

—Que querem que lhes conte?

Eles pedem e ela satisfaz.

Jorge e Pedro nunca contam histórias, mas são.

ávidos de as ouvir, conservando a memória dos mais pequenos incidentes que a irmã esquece com a mesma facilidade com que os inventa.

— Anda, mana, conta, pediu Pedro.

— Olha, disse Jorge vendo a sua sombra no chão, conta a razão por que nós temos sombra.

Tudo isto é dito por mímica; já se vê.

A pequena pareceu atrapalhada diante dum enigma indecifrável, mas após momentos de silêncio, respondeu:

— Porque o nosso corpo não é transparente; se o fôsse, como o vidro, por exemplo, a luz passaria e nós não teríamos sombra.

— ¿E porque é que o nosso corpo não é como o vidro?

— Não sei, pergunta ao Papá.

— Agora não. Conta-nos uma história.

— Olha, ajuntou o outro irmão, dize a dum homem sem sombra.

— No mundo não ha, mas em sonhos tenho visto.

— ¿Onde vais tu quando sonhas?

— Não sei.

— Naturalmente a parte alguma.

— ¿Nunca vês leões nem tigres, como eu? indagou Jorge.

— Não, nunca vi feras.

— ¿E não sonhas com as lições do dia seguinte? disse Pedro suspirando.

Bibi sorriu e, muito sentenciosa, volveu-lhes:

—Eu nunca fui preguiçosa. Tenho sete anos, mas aos quatro, não era como tu; já sabia lêr.

—; Porque é que, sendo nós irmãos, não temos a mesma facilidade para tudo?

—Não sei, pergunta ao pai.

—; Mas que pensas tu?

—Eu nunca pensei nisso.

—E' porque não sentes que vales menos do que os outros.

—Como? indagou Bibi.

—Sim, eu ou o Jorge, se quisermos contar uma história, não sabemos, e tu sabes sempre.

—Porque é?

—Não sei, mas o que é difícil é começar; nisso ajudam-me vocês, depois é só deixar sair as palavras.

—Então começa.

—Dize tu o que queres que te conte.

—*Um homem sem sombra.*

—O pai tem um livro sôbre êsse assunto, muito interessante. Leu-o outro dia á noite. E' dum escritor célebre e chama-se Pierre Schlémild.

—Bem sei. Já ouvi e não gostei.

—Sabes melhor? perguntou Pedro com ironia.

—Não, voltou Bibi sem se desconcertar, sei diferente.

—Dize então.

—Era uma vez uma menina muito bonita que teve um dia um sonho estranho.

Era leve, muito leve, dir-se-ia feita de penas de passarinho; não tinha azas e comtudo voava, e não tinha sombra.

— Era de vidro? perguntou Jorge interessado.

— Não, era de luz.

— Mas onde se passava isso?

— Num sonho, mas era muito agradável.

— Como se chamava a menina?

— Angela. Era loira, vestia uma túnica alva como o linho, os cabelos caíam-lhe soltos ao longo das espáduas, os seus olhos verdes, pareciam sempre alegres, e os pés, alvos e rosados, andavam descalços.

— O «Pierre Schdlémild» que o pai leu, tinha vendido a sombra ao diabo em troca duma bôlsa sempre cheia de ouro.

— Angela não podia ter contacto com o diabo porque era um centro de luz. Tôda a gente que se aproximava dela sentia-se bem. Bastava-lhe desejar, para aparecer nos pontos mais variados do mundo e assistir ás mais diversas scenas.

— Era uma fada?

— Quasi, mas não tinha varinha de condão; era movida apenas pelo desejo forte de bem fazer. Um dia, tinha ido passear a um bosque cerrado ao meio do qual corria um estreito rio de água limpidíssima; nas margens que o ladeavam, desabrochavam lindas violetas roxas e brancas que perfumavam o ar, e festões de hera, crescendo ao acaso, ligavam as árvores umas ás outras parecendo estreitá-las num abraço de

amizade fraterna. A linda Angela nunca se vira ao espelho e não sabia como era formosa. Olhara sempre para dentro de si, e os sentimentos de bondade que na sua alma existiam, julgava-os iguais aos de tãda a outra gente.



«— Mas isso é feio, horrível...

«Um dia, aproximou-se dela um pequeno chamado Germano e perguntou-lhe:

«— ¿Porque não tens tu sombra?

«Angela, sobresaltada com a pergunta, olhou em volta e, não tendo compreendido melhor, volveu:

«—Não sei o que é sombra.

«—Olha para mim e vê o que eu projecto sôbre a terra. Vês?... Isto é que se chama sombra.

«—Mas isso é feio, horrível. . .

«—No entanto não ha homem nenhum, na terra, em que nós habitamos, que não tenha uma sombra.

«—Mas eu não vejo utilidade alguma em possuir uma cousa tão feia.

«Ele sorriu e afastou-se dizendo :

«—Pensa !

«Uma nuvem de tristeza toldou o rosto de Angela. Pensar era um esforço a que quasi não estava habituada. Fazia o bem maquinalmente. Nunca uma curiosidade, uma dúvida, um desejo lhe perturbara o espirito, e eis que aquele rapaz desconhecido se aproximara dela e a perturbara com a visão da sombra.

«Ergueu-se da borda do rio e afastou-se meditando; «mas para que serve aquilo»? E êste pensamento desagradável continuou a persegui-la.

«Passaram muitos dias e, como não conseguisse vêr-se livre dêle, voltou á margem do rio, na esperança de encontrar o desconhecido e de lhe pedir que a livrasse de tão desagradavel pensamento. Esperou em vão. Germano não appareceu.

«Voltou tres vezes ao mesmo sitio sem ser melhor sucedida. Começava a duvidar da própria realidade e a convencer-se de que tinha sonhado, quando se aproximou dela Jaime, o pequeno companheiro dum velho cego, e lhe disse :

«—Já vês?

«—Nunca deixei de vêr; vejo tudo que me cerca.

«—E a tua sombra?

«—Não, nem desejo; é feia.

«—Mas como podes dar valor a caminhar para a luz se não conheces a sombra?

«—; Então eu não sou a luz? perguntou Angela com pasmo.

«—És e não és, respondeu o rapazinho.

«—Isso não percebo.

«Ele voltou:

«—Tudo, na Natureza, é relativo; és luz na sombra, mas és sombra para maior luz. Isto é, logo que surja a luz do sol, tu desapareces e nem ao menos o teu corpo projecta na terra uma sombra:

«—Mas eu não desapareço, porque existo, respondeu Angela num tom soberbo.

«Jaime sorriu irónico e voltou-lhe:

«—Quem o afirma?... Ninguém te vê...

«—Mas eu não deixo de existir porque o cego que tu guias me não vê.

«—Se êle te não sentir ou ouvir, não existirás para êle senão pela fé que tiver nas minhas afirmações.

«Angela, muito aborrecida, quasi colérica, perguntou:

«—; Mas que fim é o teu vindo falar-me de cousas que me desagradam?

«—E' chamar-te á realidade da vida: o sêr que não tem sombra não pode evoluir. Quem não vence e não

domina o mal, perde-se na luz própria, mas não atinge a verdadeira luz.

«—Que é preciso então fazer para chegar á perfeição?

—Jaime não respondeu e afastou-se.

O Sol, erguendo-se lentamente acima das copas das árvores, fez estremecer Angela. Ela nunca tinha visto o astro-Rei, e á sua luz desapareceu. Sentia-se, mas não se via. Um forte desejo de personalidade e a consciência de que não era ainda cousa alguma que *contasse*, fê-la cerrar as pálpebras e envolver-se a pouco e pouco em nuvens densas. Desceu, desceu, e acordou num berço pequenino rodeado de flôres; sôbre a almofada, um pano de linho tinha bordadas a branco duas palavras—Bem Vinda. Junto do berço Jaime e Germano que se chamavam agora Jorge e Pedro, perguntavam aos pais :

«—¿ Como se chama a mana?

«—Vivi, respondeu o pai.

«—Os pequenos, que ainda falavam mal, corromperam a palavra trocando o v em b. como é vulgar. Angela, que não era outra senão Bemvinda, a vossa irmã, suspirou.

—Vi-vi, agradava-lhe mais; correspondia á necessidade que ela sentira de ganhar a sombra para conquistar a luz.

—Mas eu não percebo a graça da tua história, disse Jorge aborrecido.

—Mas tem-na, voltou Pedro; a mana achou a razão da sombra.

E muito contente, foi dar esta notícia aos pais emquanto Bibi dizia a Jorge:

—Olha, mano, muita vez não compreendo bem o que te digo, mas parece-me um sonho bonito. Eu gosto de sonhar, quando são cousas bonitas e agradáveis embora as não entenda.

—¿Então a menina que sonhava eras tu?

—Pois era.

—Mas tu não és bonita.

—Para mim sou. Com a opinião dos outros não me importo.

—O teu sonho é insípido.

—Pesado é que êle é. No fim, á medida que descia, sentia-me asfíxiar, até que, de aflicção acordei. Mas, se não gostaste, a culpa é tua: ¿para que me falaste na sombra?

E Bibi afastou-se aborrecida.

—Acabou-se a fita: ¿que diz a isto, tiasinha, é bonita? perguntou Antoninho.

—Isso não é uma fita, é uma conversa, e no animatógrafo não se conversa.

—A tia percebeu?! É que eu tenho de fazer para amanhã uma composição para o professor de português e...

—¿Pensaste num film? Pois para composição não está má, mas para film...

— Comtudo foi-me sugerida pela fita que ontem vi.

— ¿ Mas porque não disseste logo a verdade?

— Quis vêr ou, melhor, ouvir uma opinião desapaixonada. Para o êxito das obras nem sempre é bom saber-se o nome do autor.

Esta confissão fez rir todos e foi muito mais engraçada do que a história.

---

6.º FILM

# A Quem Deus Promete



1.º Quadro: Uma linda manhã de setembro; os pescadores da Costa lançam barcos ao mar, cantando.

Lina, filha do mais velho dos pescadores, pede ao pai que a leve consigo; êle não consente, mostrando-lhe umas nuvens negras que se vêem ao longe.

Ela insiste, os pescadores intercedem, mas o velho, olhando apreensivo o horisonte, recusa sempre.

Chega o momento da partida: abraça a filha e segue os outros barcos que se afastam, acenando com as mãos ás pessoas de familia num gesto natural de quem não conta demorar-se. As pessoas que vieram á partida dos pescadores afastam-se e Lina fica só correndo na praia por entre os rochedos e apanhando conchas para um lindo cabazinho.

Na praia, vê-se ao fundo uma modesta mas ele-

gante casa de campo. Safam dali dois rapazes e uma menina da idade de Lina, mas bem vestida.

Vendo a filha do pescador a apanhar conchinhas, corre ao seu encontro e convida-a para brincar. Os rapazes aproximam-se também mas não se associam ao seu divertimento; preferem fazer uma fortaleza de areia. O céu escurece pouco a pouco e a tempestade está iminente. Os rapazes fazem-na notar á irmã dizendo-lhe que é tempo de se recolherem, se não querem apanhar chuva.

Suzana convida Lina a acompanhá-la, mas esta diz que tem o pai no mar e não sairá dali sem que êle volte.

Manoel promete voltar a fazer-lhe companhia logo que deixe em casa os irmãos mais pequenos, e afasta-se com êles. Momentos depois começa a tempestade.

2.º quadro. A gente da povoação, aflita, corre á praia. Mulheres choram torcendo as mãos com desespero, outras rezam, olhando para o céu com fé, outras ainda procuram avistar os barcos, não despregando o olhar do sítio por onde êles desapareceram.

Lina, sentada num rochedo, com o cabelo sacudido pelo vento, as pupilas dilatadas de anseio, fita aflitivamente o mar.

Fuzilam os relâmpagos e a chuva cai torrencialmente. As ondas erguem-se como montanhas.

Manoel cumpre a promessa. Envolto na sua capa de chuva, volta trazendo a do irmão para vestir a Lina.

Ela aceita depois de instâncias e diz-lhe a sua aflicção. Aparecem barcos á vista. Espalha-se em tôda a gente a esperança que anima os rostos de funda ansiedade.

Os barcos aproximam-se da terra. Veem todos menos o do pai de Lina. O desembarque efectua-se com grande dificuldade. Ha scenas de júbilo e lágrimas. Mães que abraçam os filhos que não contavam tornar a vêr, e mulheres que deliram de alegria vendo salvos os maridos.

Só Lina não tem consolação. É noite e veem procurar Manoel. O pequeno, mau grado seu, tem de seguir o criado.

Lina fica só com uma velha tia, apesar dum pescador lhe dizer que é inutil esperar porque o pai não tornará mais.

3.º quadro. Começa a aclarar a manhã, serena e linda. Um cadáver é arrojado á praia. Lina solta um grito e, saíndo da sua imobilidade de estátua, corre a abraçá-lo. É seu pai. Em vão sacode, chama por êle, tenta reanimá-lo.

É inutil : está morto e bem morto.

Então o seu desespêro não conhece limites. Está só no mundo, não tem mais ninguem! A tia oferece levá-la para casa, mas ela não quer.

Correm pescadores á praia e o cadáver é levado para a igreja.

4.º quadro:— O pai de Manoel convida Lina para ir para sua casa, a pedido de Suzana e de Manoel.

Ela aceita com júbilo da tia e de todos, e aparece

pouco depois vestida de luto, mas calçada e bem vestida e muito estimada por todos. Chega o momento de partirem para a cidade e Lina acompanha a sua nova família.

Na cidade recebe uma educação igual á de Suzana e continua sendo estimada por todos.

Cada um escolhe o seu modo de vida. Manoel quer ser marinheiro, José, militar, Suzana, violinista, e Lina escolhe ser professora de piano.

5.º quadro. São já homens e mulheres. Suzana casou e afastou-se, Manoel anda em viagens e José está para a cidade.

Na praia, o velho pai passeia pelo braço de sua filha adoptiva, memorando a antiga tragédia. Lina chora recordando o pai.

Passa o comboio ao longe e, momentos depois, aparecem Suzana e o marido que chegaram da cidade. Veem contentes e alegres e trazem a notícia do regresso de Manoel.

Todos exultam, e o pai, tomando o braço do genro, segue para casa, para ordenar uma recepção condigna do filho e da sua grande alegria.

Suzana demora Lina junto do rochedo e lê-lhe uma carta em que Manoel diz desejar casar com ela, assegurando uma companhia ao pai durante as suas forçadas ausências e satisfazendo o sonho que desde criança ambicionava realizar. Lina aceita reconhecida e abraça efusivamente a sua futura cunhada.

6.º quadro — Chega Manoel acompanhado pelo

irmão. É uma bela figura de homem, em que a farda de oficial de marinha assenta a primor. José, embora menos garboso, é também uma interessante figura de homem. O velho pai chora comovido abraçando-o e depois impele Lina para êle, que também o abraça. Vê-se que o casamento já está tratado e é do agrado de todos.

7.º quadro: — Os sinos da povoação repicam festivamente e a rua que leva á igreja está engalanada. Os pescadores vestem fatos domingueiros.

Manoel, trajando o seu brilhante uniforme, leva pelo braço a velha tia de Lina, ostentando as suas melhores arrecadas e saia com maior roda. Tôda a gente da costa está em festa. A noiva, no seu vestido branco, enfeitado de flôres de laranjeira, é alvo da atenção de todos. Quando saíam do templo desenha-se no ar um vulto branco: É o do velho pescador que abençoa os noivos e desaparece.

Terminando esta rápida narrativa, Antoninho perguntou á avó e á tia Alcina:

— Então isto é ou não é um film?

— Este sim, não ha dúvida; mas o outro via-se bem que não podia ser.

— ¿ Acham-no bonito?

— Acaba bem.

— Mas principia mal. Eu só gosto de cousas alegres.

— Mas, meu filho, sem tristezas não se daria valor ás alegrias.

— É possível, mas é melhor, mesmo sem lhes dar valor, viver sempre alegre e satisfeito, ¿ não lhes parece?

As duas senhoras sorriram e uma delas murmurou:

— Talvez, talvez tenhas razão.

---

7º FILM



## Piloto

No 1º quadro, aparecia um rapazinho mostrando um velho cão amarelo, e por baixo tinha escrita a seguinte quadra:

Atiravam-lhe a pedra os rapazes  
Se o topavam na estrada, ao passar.  
E uma tarde, ao tirarem-lhe um olho,  
Gargalhavam, ouvindo-o chorar.

No 2º quadro, um andrajoso mendigo afagava o cão:

Isto vendo, um mendigo velhinho  
Quiz ao cão dar conforto e dar pão;  
Mas só pôde abrigá-lo em andrajos,  
Dar-lhe festas, carinho e mais não.

No 3.º quadro, via-se a porta duma casa da aldeia, com uma parreirinha á porta, o pequeno e o cão olhando-o:

Ele então penetrava na quinta  
E parava-me á porta a pedir  
Num olhar timorato mostrando  
Fome e medo sem nunca insistir.

No quarto quadro, o cão afasta-se e um homem com espingarda ameaça-o de longe. O rapazinho observa:

Quer lhe desse quer não, vinha sempre  
Duas vezes olhar-me e pasmar;  
Mas o dono da quinta bramava  
Prometendo mandá-lo matar.

No 5.º — O rapazinho, acabadas as férias, regressa ao estudo, e o cão fica-o a vêr ir, parado á beira do caminho.

Vou-me embora, e o pobre infeliz  
Vai perder o seu pão, e por norte  
Dá-lhe o triste destino uma bala  
E por fim o descanço na morte.

8.º FILM



## O tio Boticas

1.º Quadro: Um velho de mais de 90 anos, sentado sob uma linda parreira, carregada de cachos de magnífica uva moscatel, cose um velho albardão.

A pouca distância, sentada sobre um poial que corre junto da parede, ladeando a única porta da habitação, a sua velha mulher descasca, no avental, massarocas de milho, atirando de quando em quando um bago para os pintos que lhe andavam em volta.

Um jovem, forte e espadaúdo, entrou alegremente até junto deles sem ser pressentido e abraçou o velho. Vem fardado de soldado.

Os avós mostram uma grande alegria com a inesperada surpresa. A velha chora e lembra que o marido fôra exactamente como êle no tempo da mocidade.

2.º Quadro: O velho parece rever-se num quadro

longínquo. Arruma a agulha e o albardão, volta a sentar-se e, com o rosto animado, fica embebido olhando a estrada por cima do muro.

O neto pergunta-lhe se se esqueceu da sua presença. Ele sorri e diz que recordava o passado, quando deixou a aldeia para ir sentar praça. Já namorava então a velha avó que era uma formosa rapariga. A velha mostra-se satisfeita com o elogio, e o neto pede-lhe que lhe conte como isso foi.

Ele diz que vai começar.

3.º Quadro:

À volta do caminho para a cidade, junto da encruzilhada, Faustina, com as tranças caídas pelas costas, apoia uma mão na anca enquanto com a outra resguarda os olhos dos raios do sol. Mostra ansiedade. Finalmente, na volta do caminho, aparece o Boticas e o José do Açude, ambos caídos nas sortes.

Ambos se despedem de Faustina e o Boticas promete voltar á terra logo que possa. Ela fica de pé junto da cruz que separa os caminhos, acenando-lhes com o lenço.

Eles, descalços, mas com os sapatos enfiados nos varapaus que levam ás costas, voltam-se de quando em quando para lhe corresponder.

Um rancho de raparigas, voltando da ceifa cantando, levam-na comsigo.

Ela chora enquanto as outras troçam e riem.

4.ª Quadro:

A cidade, apesar de grandiosa, pareceu-lhes triste.

Era a primeira vez que ali iam porque o apuramento fôra feito no seu distrito. Olharam para tudo com pasmo e tristeza. A sua terra era muito mais bela, muito mais saudável, muito melhor.

Preguntando ás pessoas que encontravam, dirigiram-se ao quartel. Que tristeza! sentiam-se sós no meio dos outros, e o Boticas, que era um forte, quando o sol começou a declinar no horisonte, sentiu vontade de chorar.

O José do Açude tentou consolá-lo embora não se sentisse mais forte do que êle.

Os novos companheiros troçavam-nos, e êles sentiam-se ali perfeitamente deslocados. Apareceu porêm um cabo, antigo conhecido, que lhes fez festa e os convidou a seguirem-no a uma venda próxima.

Eles aceitaram, reanimados e reconhecidos.

5.º Quadro: O Boticas e o José do Açude fazem os exercícios com tal garbo, que parecem veteranos. A farda assenta-lhes bem e em pouco tempo são os jannotas da sua companhia.

O José do Açude começou a habituar-se aos usos da cidade e não tinha vontade de voltar á terra.

Mas o Boticas que fôra requisitado para impedido do capitão, desde que chegara não pensava noutra cousa senão em realisar o desejo de voltar ali. A figura de Faustina, acenando-lhe com o lenço junto á cruz da encruzilhada, não lhe saía do sentido.

Ia já quasi passado um ano e, bem que de manhã á noite não tivesse outra ideia, não sabia como rea-

lisá-la. Era um tímido. Sentia-se preciso em casa do capitão, onde desempenhava vários misteres, desde jardineiro e hortelão até criado de mesa, e não sabia como lhe havia de pedir licença. Estava meditando.

Ele, na fita, desempenhava rapidamente os seus vários trabalhos e ficava pensativo olhando o fundo onde de repente aparecia ao longe a figura de Faustina dizendo-lhe adeus com o lenço.

#### Quadro 6.º

O capitão casa-se. É uma festa elegante onde se vê a melhor sociedade da capital. O Boticas vai vê o casamento e obtem do noivo, na ocasião de lhe fechar a porta da carruagem que levava os noivos para Sintra, licença de voltar á terra.

Fica radiante e dirige-se ao quartel.

Quadro 7.º José do Açude, a cavallo num banco da casa da guarda, joga as cartas com outros.

O Boticas insta com êle para o acompanhar á terra.

O José diz-lhe que não, que não gosta da vida do campo. Então o Boticas lembra-lhe a velha mãe.

O José do Açude comove-se e está quasi a ceder, mas os companheiros convidam-no para um divertimento qualquer, e êle triunfa da sua momentânea saudade.

Desconsolado, o Boticas arranja um magnífico malote que se não pode comparar ao modesto sacco de ramagem vermelha que trouxe da terra, e dirige-se para a estação.

Quadro 8.º: José e os outros vão á estação despedir-se dele. Ha grande movimento de passageiros.

José pede-lhe que entregue á mãe o retrato dele e um sobrescrito com dinheiro.

O Boticas faz-lhe vêr que a pobre velha preferia decerto vê-lo, a receber aqueles presentes. Quando êle, Boticas, chegar sósinho, ela deve ter uma grande decepção.

Ele diz-lhe que não vá, e o Boticas responde-lhe que a cidade não o fez mudar.

Tudo isto é dito por mímica, mas percebe-se muito bem. A campáinha toca tres vezes, a máquina solta os silvos habituais e o comboio põe-se em marcha.

Quadro 9.º: O Boticas, muito elegante na sua farda, com o capote ao ombro e o malote na mão, toma o caminho da sua aldeia. Vai comovido. Não annunciou a ninguem a chegada e não é esperado.

Ao chegar ao Cruzeiro, pára, pouisa o malote num degrau, o capote ao lado, e limpando o suor que lhe inunda a testa, fica-se a scismar.

De repente, fere-lhe o ouvido som de vozes. São mulheres que regressam da ceifa cantando.

Ergue-se com emoção e vê que atraz das raparigas vem uma vélhita com o saial cheio de cavacos. Essa não canta nem o vê porque traz os olhos no chão.

Ele reconhece-a e corre para ela exclamando com alegria:

— Minha mãe! Minha mãe!

A velha deixa cair os cavacos no chão e ança-se-lhe nos braços chorando e rindo.

As ceifeiras rodeiam-no e tôdas o cumprimentam amavelmente fazendo um grande pasmo da sua transformação. Ele pergunta por Faustina e a mãe diz-lhe que ela está no rio a lavar.

Êle hesita, mas toma com a mãe o caminho de casa, seguido por tôdas as raparigas menos Joana.

Quadro 10.º: Joana escapa-se pé ante pé e, correndo por entre campos, chêga á beira do rio onde Faustina batia a roupa. Anuncia-lhe uma grande nova pedindo alvíçarás. A outra pergunta-lhe se chegou alguma carta do Boticas:

Joana responde-lhe que não chegou carta, mas veio êle em pessoa.

Então dá-se uma scena engraçada. Faustina que tem a roupa na água tira-a para fora, torna-a a meter, e dá tais provas de atrapalhação, que Joana, rindo ás gargalhadas, diz-lhe que se vá embora que ela ficará lavando em seu lugar; mas que se vá arranjar porque o Boticas vem muito bem vestido.

Faustina deita a correr em direcção á aldeia e sem cuidar de cousa alguma, corre a casa da mãe do seu noivo.

Quadro 11.º: O Boticas, mal tem entrado com a mãe e fechado a porta sôbre si, quando ressam pancadas á porta.

A velha Brígida vai abrir e Faustina, entrando por ali dentro com a rapidez dum relâmpago, vai para se

abraçar ao noivo. Vendo porém a sua transformação, pára enleada, torcendo o avental nas mãos.

A mãe impele-a para o noivo e convida-os a sentarem-se á mesa. Mal teem abancado e estão fazendo saúdes quando de novo batem á porta e entra tôda a aldeia que vem festejar a chegada do Boticas.

Quadro 12.º Grandes festejos na aldeia em honra do recém-chegado. A tia Brigida olha para tudo aquilo pensativa e medita a um canto enquanto os outros dançam e folgam. Nisto, o padre sai da ermida e Brigida sobressalta-se como quem teve uma ideia. Ergue-se e segue-o até á porta de casa onde lhe diz umas palavras.

O prior convida-a a entrar.

Quadro 13.º. Ela diz-lhe o que quer e êle senta-se á mesa escrevendo uma carta que ela lhe dita. A carta terminada, com grande prazer de ambos, separam-se. Então o padre escreveu outra carta dentro da qual meteu a primeira, sobrescritou-a e mandou-a deitar no correio.

Quadro 14.º. Num lindo chalet em Sintra. Sentado na frente dele, um velho bem vestido lê o jornal do dia, quando um criado lhe traz a correspondencia. Ele abre várias cartas e por último lê, evidentemente, a do prior. Sorri, encolhe os ombros e, chamando um criado, pede o chapéu e a bengala e sai.

Quadro 15.º. O velho, que vimos no quadro precedente, entra num hotel á hora do almôço.

Pergunta pelos noivos. Estão almoçando num ga-

binete á parte. Faz-se anunciar. Imediatamente introduzido, é recebido com grande satisfação. Expõe o motivo da sua visita e consegue o seu objectivo, retirando-se muito satisfeito.

Quadro 16.º. Chegou o dia em que terminou a licença do Boticas. Estavam todos tristes em casa, menos a Brígida que andava alegre e satisfeita dum lado para o outro, cochichando a espaços com Joana, tão risonha como ela.

Quando, arranjada a mala, iam para começar as despedidas, abriu-se a porta e entrou o prior precedendo o capitão e a mulher.

O Boticas fica como colado ao solo e o capitão explica-lhe que êle e a mulher foram convidados pelo prior para padrinhos do seu casamento, e tomariam a sua mulher para criada. Foi uma grande satisfação.

Quadro 17.º. Casam na aldeia e seguem os amos com muita satisfação. Faustina, na cidade, torna-se uma interessante rapariga. O Boticas acaba o tempo e, sempre cheio de saudades da mãe, resolveu voltar para a terra com a mulher e o filho pequeno que já tinham. A despedida foi affectuosa abraçando-se amos e criados.

Quadro 18.º. O Boticas e a mulher, ainda novos, tomaram posse da casa com o filhito. Ela cuida da casa, êle da terra. A fita exemplifica os seus trabalhos. Á tarde sentam-se sob a parreira a conversar dos seus tempos da cidade; depois fazem a ceia, comem-na e deitam-se.

Quadro 19.º. Sessenta anos depois. Êle, um pouco mais novo do que aparece no primeiro quadro, está rodeado de tantos filhos, netos e bisnetos que não cabem no ecran.

Quadro 20.º Repete o mesmo scenário do primeiro. O neto ouve atentamente o avô e, quando êle termina, diz-lhe que logo que tenha o seu tempo, voltará como êle a tratar da terra e a casar com uma rapariga bonita como a avó foi.

Luzia, linda rapariga de vinte anos, chêga junto deles.

— Esta! diz alegremente o neto.

Os velhos aplaudem com alegria.

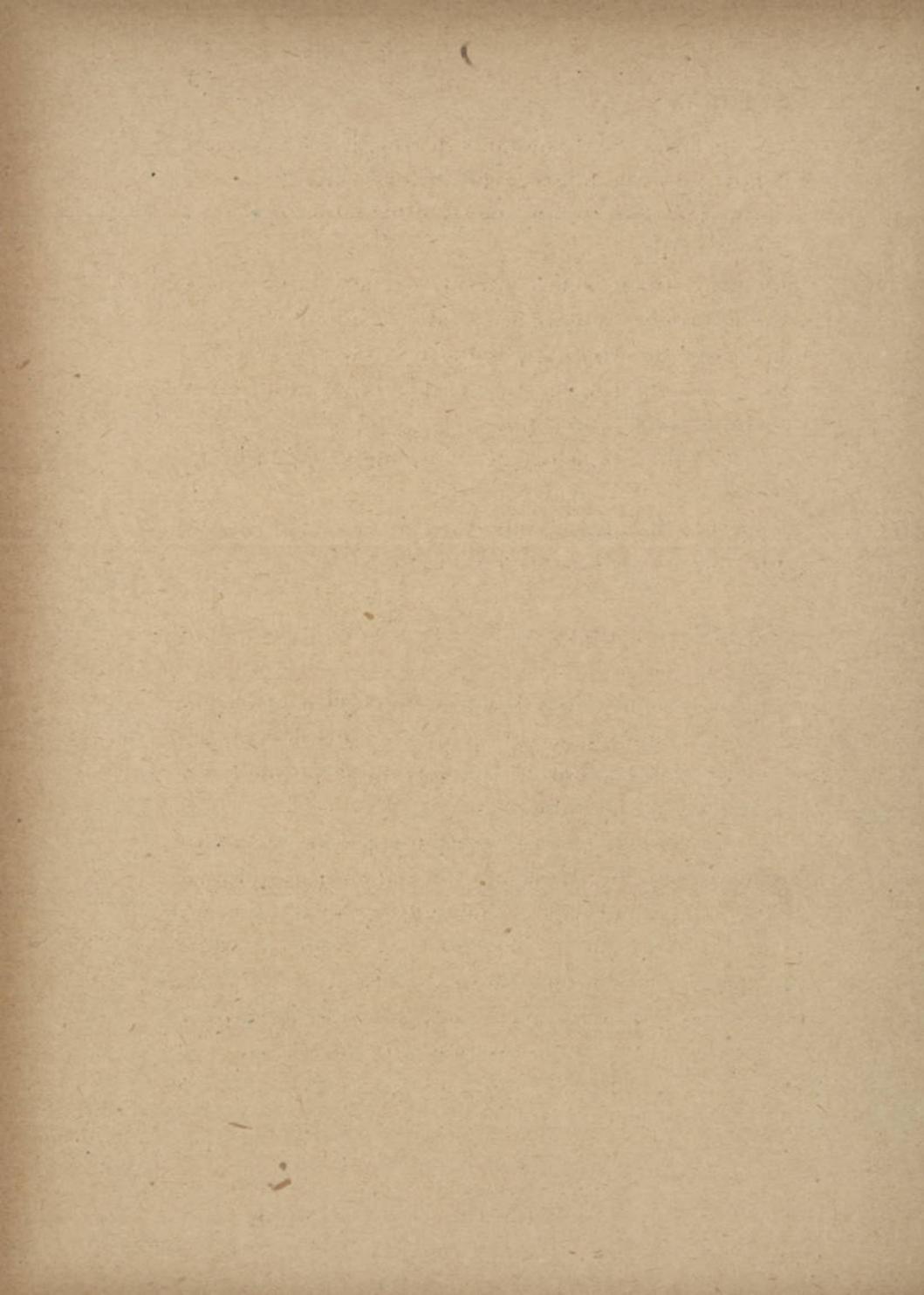
— Gostaste? perguntou o pai a Antoninho ao regressarem a casa.

— Não é feia, mas é séria de mais para crianças. Ao que achei mais graça foi quando a outra lhe foi dizer ao rio da chegada do Boticas, aquela trapalhada que ela fez com a roupa.

— Ora ahi tens uma cousa para que eu te chamo a atenção, Antonio. Uma pessoa que se preza, nunca se deve atralhar com cousa alguma. Na camponeza aquela atralhação é natural, mas numa criatura educada é cousa que não deve existir.

— Então por ser educada não deve ter satisfação?

— Pode e deve, mas domina-se de tal forma, quer tenha emoções tristes ou alegres, que sabe sempre o que faz em tôdas as circunstâncias da vida.



9.º FILM



1.º Quadro: Era um rapaz que tinha perdido o ano no liceu por ser muito mandrião. Durante o ano riu e brincou e não abriu os livros; mas quando chegou o fim do ano, é que começaram as suas grandes aflições.

Como havia êle de voltar para casa dos pais que moravam em Cascais e que com tanto sacrificio lhe pagavam a pensão em casa dos tios, onde se achava? Esta conversa fazia êle com a tia, passeando na casa de um lado para o outro, muito aflito, enquanto a tia ralhava.

Apaziguada a zanga, começaram os dois, tia e sobrinho, a vêr como haviam de remediar o caso, e, depois de muitas combinações foram ambos a casa do professor.

2.º Quadro: O professor está jantando quando lhe

anunciam visitas. Levanta-se levemente contrariado, levando o guardanapo na mão para que o não demorem vendo que elle está a jantar.

A tia fala pelo sobrinho que, envergonhado, crava os olhos no chão. O professor, vendo ensejo de lhes dar uma lição, guarda o guardanapo, como se fôsse um lenço, e oferece-lhes cadeiras.

Êle senta-se junto da sua mesa de trabalho, mostra-lhes as notas e afiança-lhes que, em vista de tão pouco aproveitamento, lhe é impossivel fazer nada; mas já que ali estão, deseja dar ao seu jovem discipulo um conselho que elle seguiu sempre: — Não aprendeu nunca á própria custa; a experiência alheia bastou-lhe sempre.

E em quadros sucessivos contou o seguinte (já se sabe, aparecendo elle em pequeno e sendo as scenas passadas como na época presente).

Tinha uma velha tia que á noite, sentada junto da lareira, contava factos passados na sua mocidade com pessoas conhecidas; e terminava sempre dizendo:

— Meu menino, nunca queiras aprender á própria custa: sirva-te sempre a experiência alheia.

Êste conselho era dado á noite, á hora que precedia a ceia; depois, o pequeno ia-se deitar e levava nos ouvidos sempre a história dum mal real que havia acontecido, e o conselho de aproveitar a experiência alheia.

— Era criança, fui rapaz e depois velho, e a experiência alheia serviu-me sempre. Nem mesmo um exame

perdi nunca. O menino está em boa idade de aproveitar este conselho, tanto mais que o ensaio que faz este ano da experiência própria, não lhe deve deixar vontade de mais. Ora bem, eu tenho o meu jantar a arrefecer; se o querem partilhar, dão-me muito gosto.



— Não gosto deste film, papá. (Pag. 78)

As visitas depedem-se e saem. A mulher, muito contrariada, mostra-lhe que elle se incomoda demais pelos outros.

O jantar está frio.

Quer ir aquecê-lo. Elle, muito satisfeito, diz-lhe que é inútil. Deu naquela tarde ao seu discípulo uma lição

que está convencido lhe servirá para o resto da vida.

O penúltimo quadro sob o dístico «No ano seguinte»:

O quadro de honra do liceu tem o nome do excábula no primeiro lugar.

O último quadro: A tia tira-lhe os livros: é estudar demais. Mas êle evoca-lhe a lembrança do seu professor, que nunca tinha querido aprender senão pela experiência alheia: a própria era muito dura.

— Não gosto dêste film, papá.

— Porquê?

— Porque o pobre pequeno teve uma grande pena de ficar reprovado.

— Olha, meu filho, aquela reprovação livrou-o de muitas outras e fez dele para o futuro um homem honesto.

— Então êle não era honesto?!

— Não, porque não aproveitava o que os pais com tanto sacrifício gastavam com êle. Roubar é uma acção feia, e nem só meter as mãos nos bolsos dos outros, ou furtar objectos, merece êste nome. E' roubar os pais não aproveitar os sacrificios que êles fazem por nós.

— ; Mas se não houver sacrificios?

— A culpa é menor, mas não deixa de ser culpa. Medita nisso, ainda que para ti não precisas; mas para aconselhares os outros.

10º FILM



## A Madrinha do Rebanko

O Luiz Travanca era um pastorzinho que não tinha mais de oito anos de idade. Com muita vontade de aprender, mas sem meios, sentava-se à beira da charneca e enquanto as ovelhas pastavam, debatia no seu pensamento mil formas de dar á sua vida o curso desejado. Saber lê! fitava o pedaço de jorna em que trazia embrulhado o pão que devia comer á hora do meio dia, e olhava para as letras no desejo imenso de as perceber.

Era impossivel! E contudo havia rapazes da sua idade que iam á escola.

Ir á escola era o seu sonho. Tantos lá vão de má vontade!... E êle, que daria tudo para aprender...

Na volta do caminho apareceu um cavaleiro. Vestia elegantemente e sustinha a custo os ímpetos brincalhões do feroso corcel que montava. As ovelhas as-

sustaram-se e a madrinha (1), que era mais avantajada do que as outras, começou a balar desesperadamente, chamando-as para cima do valado.

Como uma delas se mostrasse renitente, ela desceu cuidadosa e empurrou-a, applicando-lhe a cabeça nos quartos trazeiros.

O cavaleiro parou interessado, analisando a scena.

— O' rapaz! diz-me uma cousa: ¿essa ovelha tem sempre nas outras êste cuidado?

— Pudera não! Ela é a madrinha do rebanho! E não tem só cuidado nelas; tem-nas contadas. Se lhe falta alguma, anda numa azáfama que não pára... ainda é mais firme na guarda do rebanho do que o cão.

— Quem é o dono das ovelhas?

— É o tio João do Souto.

— Êle vender-me-ha a madrinha?

— Isso vende êle! Só se o meu senhor lhe comprasse o rebanho... Isso é que era bom.

— Então não gostas do teu officio?

— É como o outro que diz... a bem dizer não faço nada... Passo os meus dias por aqui sentado a guardar as ovelhas e a olhar para o ceu e para as estevas.

— ¿Então a guarda do rebanho não te dá canceira?

— Isso é da obrigação da madrinha e do Valente. Eu, a bem dizer, é só para vista.

---

(1) Nome que, em alguns sitios, dão á guia do rebanho.

— Já vejo que não gostas do teu mister. ; Que querias sêr?

— Estudante. Ir á escola, como os outros rapazes da minha idade, e saber lêr o que vem nos papéis. Se eu soubesse lêr, talvez os dias me não parecessem tão grandes.

— Decerto. Ora, dize-me lá: ; onde posso eu falar com o tio João do Souto?

— No pinhal, daqui por uma légua. ; O senhor não enxerxa lá em cima aquela ermida?

— Enxerxo, sim.

— Pois detraz dela não vê umas ramas de pinheiros?

— Vejo.

— E' o pinhal novo que o tio João comprou. Por estas horas anda lá a rachar lenha.

— Bem, vou até lá vêr se te livro de guardar gado.

— O' meu senhor, não fale em mim; se êle sabe que eu disse que queria ir á escola! . . . exclamou o rapaz assustado.

— Descança, não falarei. Vou comprar-lhe a madrinha.

O rapaz sorriu com a superioridade de quem conhece a realidade das cousas, e ajuntou:

— Êle não lh'a vende.

— Quanto apostas?

— O' meu senhor, eu sou um pobre! . . . Desejo que satisfaça o seu gôsto, mas tenho ouvido o tio João

e sei que êle não dá a madrinha por dinheiro nenhum.

— Veremos.

E o cavaleiro, cansado de sopear o cavalo, meteu a trote largo na direcção indicada. Mal se avisinhou do pinhal, chegou-lhe aos ouvidos o som de uma voz rude e avinhada, que cantava :

Já vai alto o sol na serra  
E o triste do lenhador  
Co' o suor rega a terra  
Para á noite ter calor.

Ter as achas na lareira  
E' o prazer dos serões ;  
Mas quanto isso dá canceira  
Sei-o eu co' o meus botões.

Assobia o vento forte  
Pela rama dos pinhais.  
Quando êle sopra do norte  
E' contar que ha temporais.

Cái o machado a compasso  
Para os troncos derrubar.  
Tudo na vida é um passo :  
Nascer, viver, acabar.

Á noite, quando me deito,  
Ponho-me horas a scismar,  
Na estreiteza do meu leito,  
A' doce luz do luar,

Se tem mais astros o ceu,  
Ou se mais peixes o mar:  
Sempre em tudo encontro um veu  
Que me não deixa enxergar.

Nem os grãos do meu celeiro  
Logro saber quantos são,  
Embora no meu terreiro  
Os apanhasse do chão.

Mistério, tudo mistério,  
Desde a lua cheia á nova.  
Desde o berço ao cemitério  
Nunca se acha fundo á cova.

Ergue-se o sol de manhã,  
A' noite brilha o luar.  
Não ha terra mais louçã  
Do que esta de Mira-Mar

Sucede-se á noite o dia  
Durante ciclos sem fim,  
Como á tristeza a alegria;  
Mas nada me alegra a mim.

Racho lenha o dia inteiro,  
A' noite vou-me deitar,  
Quer seja agosto ou janeiro  
Não paro de labutar.

Mas tenho a cara lavada,  
Um canto de rouxinol,  
Alma que é água nevada,  
Nos olhos brilha-me o sol :

E levo a vida contente  
Sem nunca poder contar  
Quanto a terra tem de gente  
Ou quantos peixes o mar.

Quando a voz se perdeu no espaço, o cavaleiro, que parára para ouvir a canção até ao fim, adiantou-se e exclamou :

—O' tio João do Souto!

Surpreendido, o homem voltou-se e disse.

—Salve-o Deus!; Que deseja, meu amo?

—; O senhor não é dono de um rebanho que anda lá em baixo a pastar?

—Sou, sim senhor.

—O senhor quere-me vender a madrinha?

—Não, meu fidalgo, aquilo é a ovelha mais entendida no seu officio que ha por estas dez léguas ao redor.

—; E se me vendesse todo o rebanho?

O homem olhou-o espantado :

— Meu senhor! olhe que isso monta hoje a uns contos de reis.

— ¿E quem lhe diz que eu os não tenho?

— ¿Para os empregar em ovelhas?

E o homem sorriu incrédulamente limpando o suor.

— Vejamos, ¿quanto quer pelo rebanho?

— Eu lhe digo, meu senhor, cada ovelha anda-me por uns trinta mil reis e dá-me tres mil réis de lã por ano. Ora a lã é muito bôa e elas ainda não foram á tosquia. Para eu as vender, preciso ter um lucro que me compense... Eu tenho umas trezentas ovelhas...

— Bem, são 9 contos. Dou-lhe sôbre isso 50 por cento de lucro, convem-lhe? mas, já lhe digo, imponho uma condição: levar o pastor que está habituado a andar com elas. Claro que lhe pago um ordenado.

— Isso mesmo sem soldada. Hoje ninguem quer ter bocas a sustentar. Bonda que Vossa senhoria fale aos pais e se comprometa a tratá-lo bem, vesti-lo e calçá-lo...

— Está dito. ¿Quando poderemos fechar o negócio?

— Quando Vossa senhoria quizer.

— Amanhã; n as olhe que tem que se entender com os pais do rapaz, sem o que... nada feito. Eu não sei tratar ovelhas e o rapazito agrada-me; parece que é esperto e sabe do ofício.

—; Pois se lhe nasceram os dentes a guardar gado!

No dia imediato, o rebanho seguia para tres léguas de distância, onde o Visconde de Vale Verde tinha uma magnífica propriedade. A Madrinha foi lavada, penteada e levada aos jardins onde as senhoras da casa lhe fizeram grande festa; mas era tal a inquietação pelas suas ovelhas, que foi a pedido geral reconduzida ao seu meio onde era rainha. A sua guarda foi confiada a um dos sóbrinhos do caseiro, rapaz bom, mas bronco, cujas únicas aptidões conhecidas eram essas.

O Luiz foi posto na escola, mas, finda a hora dos estudos, voltava a cuidar das ovelhas e a vêr que nada lhes faltasse. O rapaz aprendeu como por encanto, e o professor tais informações deu dele ao visconde, que êste que não tinha filhos, resolveu metê-lo num dos melhores colégios de Lisboa.

Passaram anos e Luiz, acompanhado do Visconde, foi á terra. Ninguem o conhecia ali. Montava um esplêndido cavalo ao lado de seu pai adoptivo. Ninguem conheceria nele o antigo pastor.

Os pais, que recebiam a miudo notícias dele e presentes, mas não tinham tornado a vê-lo, choravam de comovidos não se atrevendo a tocá-lo.

— Meu rico filho, dizia a mãe, parece um anjo do altar!

O visconde comoveu-se e lembrando-se que os pais do rapaz a quem chamava filho passavam neces-

sidades, resolveu pô-los ao abrigo da miséria e ofereceu-lhes o rebanho e a madrinha.

O Luiz empalideceu, mas ocultou a comoção.

O visconde percebeu-o.

— ; Custa-te a dar a madrinha aos teus pais ?

— Custa. Ela não será tão bem tratada e eu não posso esquecer que foi ela a causa de todo o bem que disfruto.

— É um facto, Luiz, mas a vida é cheia de dissabores e mal vai áqueles que se não querem sacrificar. A madrinha sem o seu rebanho morreria de tristeza, e teus pais tambem, com o pouco que teem, vivem mal. Tu, dando-lhe a madrinha, não a sacrificas; o que sacrificas é a tua inclinação por ela, o teu egoismo, deixa-me dizer assim.

— Tem razão, como sempre, padrinho.

Tinham chegado ao sítio da charneca onde anos antes êle pegara num sujo pedaço de papel de jornal tentando decifrar os caracteres que lhe pareciam o cume do saber humano. Parou o cavallo, olhou comovido para a pedra onde costumava sentar-se e arrançou uma fôlha de silva que pôz na botoeira; depois saltou ágilmente sôbre a sela e alcançou o visconde que de longe olhava comovido a scena.

Meses depois Luiz Travanca partia com o seu protector para o estrangeiro, para se especialisar no estudo da pintura.

Tornou-se um pintor célebre. Os seus quadros,

cuja luz era falada como inimitável, eram disputados pelos coleccionadores.

Voltou a Portugal e no seu atelier, a uma légua ou pouco mais da capital, via-se na parede do fundo uma formosíssima tela que o notável pintor não vendia por dinheiro nenhum.

Era êle, sentado na charneca, guardando o rebanho. A madrinha, de pé no valado, chamava as companheiras, e um cavaleiro, moço e elegante, sofrea a custo o cavallo.

O visconde, já quebrantado, passava horas, ás vezes, olhando aquelle quadro onde, contemplando a sua figura juvenil, lhe surgia no cérebro a evocação da mocidade que êle tivera alegre e ruidosa, mas cheia de actos bons e consoladores.

— ¿Quantos contos te ofereceram por esta tela, Luiz? perguntou êle um dia.

— Cincoenta.

— ¿E se eu te desse o dôbro?

— Não aceitava, padrinho. Ha coisas que não se vendem.

— Tens razão.

No dia seguinte, ao entrar no seu gabinete de trabalho, o visconde recuou comovido.

Por cima da carteira, numa magnífica moldura de carvalho e prata, ostentava-se a madrinha em tôda a sua beleza.

Luiz, surgindo detraz do reposteiro, perguntou com os olhos rasos de água :

— ¿Está ali bem, padrinho?

—Está. Amanhã faço o meu testamento, Luiz. A madrinha será tua, e não estarás muito tempo sem ela, mas, em memória minha, conserva-a neste gabinete de trabalho que será o teu. . . , meu filho.

Os dois homens abraçaram-se enternecidos.

Eram duas grandes almas dignas de se compreenderem, de que nenhum sentimento baixo entibiara a pureza.

O visconde ainda hoje vive, e Luís rejubila de o vêr de saude. Contempla a madrinha com satisfação e orgulho, mas pede diáriamente a Deus que afaste o dia em que êle a torne a chamar sua.

Os pais de Luís nunca quizeram sair da aldeia. Um dia, em que êle os levou a vêr o seu atelier, tendo terminado o quadro, afastou o biombo que lh'o encobria e fez-lho vêr de repente. O pai poz-se a rir e, soltando uma suja exclamação, concluiu :

—Falta-lhe falar!

A mãe benzeu-se e exclamou :

—Anjo bento! É tal qual a madrinha!

E ficaram-se pasmados, sem atentarem nem no filho nem no visconde: ela é que era tudo aos seus olhos. Pudera! apesar de vélhinha ainda governava o rebanho com tanto geito e carinho! . . .

—¿Que lhe parece este *film*, tia Alcina?

—Mas isso é realmente um *film*?

--É, mas alindado por mim. Meti-lhe diálogo; parece-me assim mais interessante, ¿pois não é?

—; Então porque não contas todos dêsse modo?

—Porque os dias, bem que todos sejam iguais no comprimento, variam de condições: ha sol, ha chuva, são cheios de névoa, etc. Assim eu vario o modo de contar segundo o humor de que estou. Na essência tudo são *films*.

—; Então o de hoje corresponde a sol ou a chuva?

—A sol. ; Não está êle contado a primor?

—Está, se assim o queres.

—; Não acha?

—Não, além de que elogio em bôca própria é vitupério?

—O que é vitupério?

—Vai vêr ao dicionário. ; Julgas que estou disposta a dar-te lições? Quando alguém não entende o que se diz, vai ao dicionário e não seca ninguem. O esforço e trabalho da procura ajudam-lhe a fixar o que deseja saber e não o esquece mais.

Antoninho abriu muito os seus grandes olhos de expressão inteligente, e folheando o dicionário, achou a palavra procurada e leu: ultraje, ofensa, infamia e vileza.

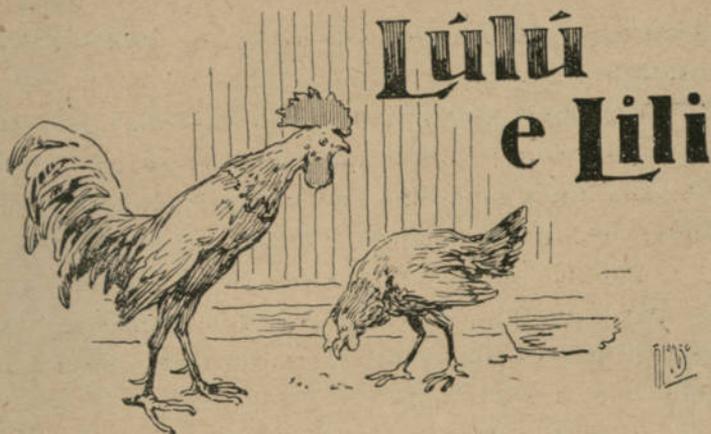
—; Qual destas?

—A última, querido; é uma acção vil uma criatura elogiar-se a si própria.

—Tem razão, não voltarei. O que diria o papá se me ouvisse!... É verdade que eu ainda não conhecia a opinião do dicionário.

A avó e a tia desataram a rir.

11º FILM



1.ª Quadro: Francisca, que é vegetariana, recebe de presente um lindo galo e uma esplêndida galinha. Como a família é vegetariana e reprova que se matem os animais, resolveram ficar com êles.

A galinha poria ovos e o galo alegraria os ouvidos dos donos com o seu canto altivo.

Correram as cousas muito rasoavelmente: ela, pondo ovos, e êle cantando, até que um dia, uma vizinha, que não tinha capoeira, pediu a Francisca que lhe guardasse, até á tarde, uma galinha na capoeira. Foi o primeiro desgosto que entrou naquele lar. O galo recebeu a visita com muita amabilidade, mas a galinha mostrou-se-lhe hostil.

Lúlú (era o galo) abria as azas, arrastava-as pelo chão, e cantava, radiante com o novo conhecimento.

Lili abria as penas e preparava-se para receber a intrusa á picada.

Não contava porém com a sua maldade, que era grande. A visita, sentindo que a luta entre elas seria desigual, feriu-a num olho com o bico, e tão violentamente o fez, que a cegou.

A galinha ferida lamentou-se de tal forma, que mais pareciam vagidos de criança do que queixa de ave. Acorreu Francisca pressurosa, e verificando a desgraça acontecida, fica desolada.

2.<sup>a</sup> Quadro. Chama a vizinha e mostra-lhe, zangada, o resultado da sua condescendência. Se não tivesse dado abrigo a tão má franga, nada daquilo se teria dado. Apanha-a e entrega-lha com mau modo dizendo-lhe que a leve. A vizinha quer defender a franga e atribui as culpas ao galo, mas Francisca é intransigente na sentença. Para todos os efeitos, a franga estava expulsa da capoeira.

3.<sup>o</sup> Quadro. A vizinha, muito contrariada, leva a galinha para o 1.<sup>o</sup> andar. Anda a estudar o sítio onde a ha de pôr, mas não encontrando nada que a satisfaça, pega na faca com mau humor e degola-a.

Mete-a num alguidar com água quente que tira duma cafeteira que tem ao lume, depena-a e mete-a na panela.

Entra o marido de volta do trabalho.

Ela conta-lhe o sucedido e êle aprova a sua resolução, regalando-se já com o cheirinho que a panela exala e da qual ergueu a tampa.

Vai tirar o fato de trabalho e, momentos depois, volta para a cosinha onde a mulher já tem posto a mesa e deitado a canja na terrina. Ambos muito risonhos e satisfeitos fazem as honras ao jantar.

4.º Quadro: No andar inferior, Francisca contristada dá milho á Lili na palma da mão.

O galo está no poleiro amuado, sustentando-se só num pé e com o outro sob a aza.

Caíu a noite e Lili, escandalizada ainda com o seu procedimento, e cheia de dôres ainda na sua órbita vazia, não se agachou no poleiro junto dele. Ficou no cesto onde costumava pôr os ovos, pensando nas tristezas da vida presente e receiando aquelas que lhe reservaria o futuro.

Rompeu de novo o sol e Lili, generosa e boa, fez as pazes com Lúlú: comeram ambos das mãos da dona e á noite, como amigos que eram, dormiram no mesmo poleiro.

5.º Quadro. Chegou a época de Francisca ir para o campo. Lili e Lúlú fôram metidos num cesto e marcharam em cima da carroça gosando a linda vista dos campos por onde passavam e com a qual também o espectador se deslumbrava.

Chegando, foram metidos numa capoeira mais pequena, mas não menos cómoda. Parecia que tudo se dispunha para que a vida ali lhes corresse contente e feliz. Mas a vida dos animais como a dos homens tem também as suas peripécias alegres e tristes.

Veio morar para junto de casa de Francisca um

leiteiro, chamado Manoel da Avó, que tôdas as madrugadas se levantava ao primeiro canto do galo, para partir para a cidade a vender o leite.

6.º Quadro: Receioso de faltar ás suas obrigações o Manoel da Avó apreçou um relógio despertador na rua da Palma, mas pedem-lhe o que êle chama um poder de dinheiro. Sai sem ter comprado. Enquanto o galo da vizinha cantar, não precisa de melhor despertador.

7.º Quadro: Francisca vai regressar á cidade e o Manoel pensa na falta que lhe faz o relógio. Vai procurar a dona do galo, conta-lhe a imensa falta que êle lhe faz, quanto o transtorna no princípio da vida dar tanto dinheiro por um relógio, e pede-lhe que lhe venda o galo. Ela diz primeiro que não, mas acaba por consentir com a condição de que êle não será morto. Fecha-se o negócio e o Manoel da Avó leva o galo.

8.º quadro: Lili, só na capoeira, entristece.

Não quiere comer. A dona aflige-se e não sabe o que ha de fazer para a consolar.

Como ela põe muitos e bons ovos, lembra-se de a oferecer a uma amiga que tem mais criação, com a condição de não a matarem, o que lhe é prometido.

Francisca despede-se e volta á cidade.

9.º quadro: No ano seguinte, o primeiro cuidado de Francisca ao chegar á aldeia foi informar-se da sorte de Lúlú e Lili.

Os negócios do Manoel da Avó tinha corrido bem

e êle pôde comprar um despertador na rua da Palma.

Esquecido dos bons serviços que Lúlú lhe fizera, resolveu, como os perús estavam caros, que seria êle o prato melhor do dia de Natal. E Lúlú teve a sorte vulgar de todos os animais da sua espécie.

Quanto a Lili, fundo mistério envolve a sua morte. Morreu, e Francisca ainda hoje ignora como. A sua preocupação é se foi de morte natural.

A rir, afiançam-lhe que a morte natural dos galináceos é a faca no pescoço, e a extraordinária é a que ela acha natural.

Esta, não ha duvida, dúvido ao carácter da sua última dona, deve ter tido morte invulgar.

Apesar desta afirmação, Francisca vê rir em roda, e pede a Deus que nunca mais permita que ela tenha galos ou galinhas cujo destino seja ir parar a outras mãos.

Pobre Lúlú! querida Lili!

— Não é estúpido? disse Antoninho, ao sair com o pai do animatógrafo, fazer um film com a história dum galo e duma galinha?

— Então não gostaste?

— Era mais interessante uma história de dois meninos do que a dum galo e duma galinha.

— Valorisas com essa afirmação inconsciente a opinião do grande Goethe que dizia:

«Nada mais interessante para o homem do que

o próprio homem ; mas, apesar disso, tudo é relativo e a vida e sorte dos animais também é digna de interesse.

— Não digo que não, mas eu não gosto.





Bibi andava a brincar no quinteiro quando viu uma linda borboleta branca com as azas orladas de preto pousar na fôlha duma couve.

Foi pé ante pé, muito subtil e cautelosamente, lançou-lhe em cima o chapéu de palha e apanhou-a com dois dedos pelas azas, vindo mostrá-la à madrinha, triunfante.

— ¿ Para que a apanhaste? Agora não poderá voar: tiraste-lhe as escamas das azas com os dedos.

— ¿ Não vôa agora?

— Não. É sempre de mau gôsto fazer mal seja ao que fôr.

Para verificar a verdade do que lhe acabava de

ser dito, Bibi poz a borboleta na borda da mesa em que a madrinha estava escrevendo e esperou.

O insecto tentou em vão mexer as azas e pouco depois, talvez devido á muita rudeza com que fôra apanhado, tinha morrido.

Como, apesar de vulgar, era um exemplar perfeito, a madrinha disse-lhe que a deixasse ali para a meter num livro como sinal, não querendo dar-lh'a para que ela não tirasse proveito do seu feio acto.

Então deu-se um caso curioso: Uma vespa que andava ali, descobriu a borboleta e veio pousar sobre ella. Foi um verdadeiro achado! equivaliu para ella a um homem ter recebido de presente um boi.

Mas não sabia como levá-la. Começou por lhe arrancar uma aza e ergueu-s e com ella no ar. Parecia um pequenino avião.

O peso era grande demais para as suas fôrças; teve de arrear a carga e pegar-lhe de novo com mais geito. Momentos depois, voltou para levar o resto e, como não pudesse, cortou-lhe a cabeça e uma parte do torax e elevou-se com a carga no ar; teve de baixar a poussa-la, parti-la ao meio e levar um pedaço de cada vez.

Como notassem que ella voltava, quizeram reparar no tempo que ella levava em cada percurso. Foram doze minutos, em que a vespa infatigavel, quasi sem tomar repouso, carregou com tudo para jo seu vespeiro.

E digam que os animaes não reflectem! Antes de

levar a ultima aza, a madrinha da Bibi escondeu-a sob um livro. Ela voltou a buscá-la, procurou em volta, por toda a parte, com a certeza de que ainda ali deixara alguma couça e, não a encontrando, dispunha-se a partir. Então puzeram-lhe a aza da borboleta ao seu alcance e, satisfeita de ter encontrado a apeteçada presa, a ferrou de novo e desapareceu com ela no ar, não voltando mais.

O mal duns é o bem de outros. Se a borboleta não tivesse morrido, não teria a vespa o seu celeiro bem provido.

Saindo do animatógrafo, Antoninho vinha ainda mais descontente desta vez:

— ; Que graça tem vêr a vespa aumentada a um tamanho que não é o seu, para que todos vejam as suas proezas?

Se fôsse vista em tamanho natural, não se poderiam observar bem todos os seus movimentos. Mas isto é curiosissimo e mostra-nos à evidencia a grande intelligência que já possuem os insectos. Olha, Antoninho, na historia da Natureza, desde o insecto e do grão de areia ao astro de oiro que agora vês mergulhar no horisonte, tudo é digno de apaixonado estudo, e quanto se estuda é proveitoso. Grava esta lição sobre os costumes dos animais, e verás como mais tarde, quando estudares zoologia, has de achar graça a contar êste facto aos teus condiscípulos. É pela observação dos mais pequenos fenómenos que muitas vezes conseguimos perceber os grandes.

Antoninho calou-se e não respondeu.

Quando o assunto lhe parecia superior á sua mentalidade infantil, costumava tomar esta judiciosa resolução.

FIM

## Amélinhã

---

Tem apenas dois anos e meio. Uma figurita esbelta e graciosa que lembra uma haste de açucena, e nas faces pálidas brilham uns olhos claros e luminosos, tão do céu, que me parecem um reflexo dos do menino Jesus, que ela fita, enlevada e silenciosa, num mixto de respeito e curiosidade.

— Avó Concha! chamou ela.

— Que queres?

— O menino Jesus é sempre tão quietinho como está no retrato? . . . Nunca brinca?

— Brinca com os pobresinhos, minha filha, com os doentes e os tristes.

— Como é que êle brinca?

— Dando-lhes pensamentos alegres, consolando-os nas suas dôres.

— E como é que êle faz isso?

— Vou contar-te. Um dia, entrou no Hospital do Rego uma pobre mulher, muito doentinha, levando

comsigo um pequeno do teu tamanho e que ia tão doente como ela. Apesar dos cuidados das desveladas enfermeiras, a pobre morreu, e o pequenino que era muito lindo, exactamente um anjinho como os que estão pintados nos quadros de Murillo, ficou sem pai nem mãe e entregue aos cuidados das carinhosas enfermeiras que procuravam aliviar-lhe os padecimentos, mas não podiam estar sempre ao pé d'êles porque tinham a seu cargo muitos outros doentes. Então o menino Jesus, para que êle estivesse caladinho, sentava-se no seu travesseiro e contava-lhe histórias do ceu, adormecia-o ao som da sua voz duma doçura inegalável, e dava-lhe sonhos agradáveis com os quais o pequenino se sentia inteiramente feliz apesar das dôres e sofrimentos que o torturavam. Um dia, em que, coberto com uma longa gaze branca, para evitar as picadas das môscas, o pequeno Manuelzinho se agitava mais dolorosamente no leito pedindo com o dedinho indicador o copo de leite pousado na grande mesa situada ao meio da enfermaria, o menino Jesus, vendo o seu ar calmo e resignado, condeu-se d'êles e perguntou-lhe :

— Queres ir comigo para o ceu, Manuelzinho ?

— Quero, mas queria levar a mamã.

— A mamã já lá te espera ha muitos dias.

— Então vamos.

E o menino Jesus pegou no pequenino ao colo, envolveu-o cuidadosamente no veu de gaze branca, e saiu com êle do hospital.

Uma grande alegria invadira o coração do pequenino; sentia-se livre, forte, e feliz.

Atravessaram lindos campos e começaram a subir uma escada muito longa cavada numa serra escavada. A escada, muito íngreme, não era fácil de vencer; mas o menino Jesus parecia uma avesinha saltando rapidamente de degrau para degrau com uma agilidade graciosa que fazia sorrir Manuelzinho. Quando chegaram ao cume da serra, o menino Jesus deitou fora o veu que embrulhava o pequenino e disse-lhe:

— Olha lá para baixo. Vês o que é o mundo? Um vespeiro. Olha agora para cima. O que vês? O sol inundando tudo com a sua claridade criadora. O que te parece melhor, o mundo ou o ceu? Que escolhes?

— Onde está a mamã?

— Isso nada tem com o que te pergunto.

— Tem, meu menino, porque enquanto o não souber, não posso responder.

— A mamã, como já te disse ha pouco, espera-te no ceu ha muitos dias. Mas se não esperasse?

— Não queria ir para lá, meu menino. Os filhos pequenos são muito amigos das mães; ainda não aprenderam a ingratição dos homens e preferem a mãe ao próprio ceu.

O menino Jesus comoveu-se pensando que também êle tinha uma mãe de que não gostava que o separassem, e desde então, quando morre um menino

pequeno, se a sua mãe não está já no ceu, vai logo lá ter.

— Olha, Manuelzinho, disse êle ao pequenino, vê agora a escada que vamos subir; não é muito melhor, muito mais suave?

Era uma escada feita de alvas nuvens luminosas, onde os pés descansavam como em penas macias. Quanto mais subiam menos lhes custava, maior era a satisfação que o pequenino sentia. A ventura ria-lhe no rosto.

O menino Jesus perguntou:

— Sentes-te bem?

— Só me falta a mamã.

Chegaram finalmente á porta do ceu e S. Pedro veio abrir a porta.

— Onde está a mãe dêste pequeno? perguntou o menino Jesus.

— Está chorando pelo filho ao pé de Maria Santíssima.

— Bem, disse o menino Jesus, ha alguma cousa sem a qual o ceu não é perfeito: é o amor de Mãe.

E tomando o pequenito pela mão, começou a correr pela abobada celeste, saltando de estrêla em estrêla até chegar á Estrêla d'Alva, onde Maria Santíssima, rodeada de santas, fiava a vida cheia de graça que hão de levar, na terra, as almas puras de tôda a mácula. Aos pés de Maria a mãe de Manuelzinho chorava.

O menino Jesus atirou-lhe o filho para os braços.

e depois de beijar sua mãe voltou de novo á terra a sentar-se junto de algum berço abandonado onde, num sorriso, levava alegria e confôrto.

— O' Avó Concha, perguntou a minha neta, e porque não vem êle fazer dormir esta Amèlinha que nunca tem somno ?

— Porque o menino Jesus não quer nada com os desobedientes. Já dormias se eu tivesse ido lá para fora e tivesses ficado aqui sósinha.

— Sósinha! Então o menino Jesus não está ali ?

— Tens razão, dorme, que eu também vou dormir.

— Queres que a Amèlinha te conte uma história, Avó ?

— Pois sim, talvez eu durma melhor assim.

E Amèlinha começou :

— Defronte da casa dêste menino Jesus mora um cavalo baio, muito bonito, mas que tem a sua vida muito atrapalhada. O menino Jesus emprestou-lhe um conto de réis para tratar dos seus negócios, e êle foi tão feliz que já não puxa á carroça, anda a uma caruagem e talvez venha a ter automóvel.

— Essa história não presta, minha neta ; eu não gosto dela, é um disparate.

— Queres então que te conte as viagens da Amèlinha ?

— Tu já fazes viagens ?

— Faço.

— Aonde ?

— A Paris, a Amarante, á Itália, a Cascaes...

— Bravo! Conta-me então: de tôdas essas viagens que tens feito, qual a que mais te agradou?

— A viagem que mais me agradou foi a que fiz do Jardim Zoológico a Algés.

— Sériamente?!

— Sim, sériamente. O jardim é bonito e tem um grande Ipana e um Maputo.

— O Ipana e o Maputo são os elefantes. Foi dêles que mais gostaste?

— Ai! não, os macaquinhos teem muito mais graça. Ha lá uma macaca que tem um filho pequenino; é exactamente uma mamã a valer. Pega-lhe ao colo, dá-lhe de mamar, adormece-o; só lhe não põe fraldinhas porque as não tem. E o papagaio?

— Viste também os papagaios?

— Vi. Sabem muitas cousas! olha, avó Concha! um diz:

Papagaio real, quem passa?

E' o rei que vai á caça.

— Eu conheci um que era poeta e recitava melhor do que muita gente. Já se sabe que era preciso ensiná-lo.

— Como dizia êle?

Tenho tantas penas, tantas,  
Que nem as posso contar.  
São verdes côr da esperança  
Mas também é verde o mar.

E nele se perdem as águas  
Vindo dos rios a correr,  
E também nele se afoga  
O sol quando quer morrer.

As minhas penas são verdes  
E não as posso contar.  
Teem a vã côr da esperança  
Que ninguém pode alcançar.

E quando eu findava de dizer as quadras, a respiração da Amêlinha tornara-se suave, as pálpebras haviam-se cerrado e ela dormia tranqüilamente um somno socegado e reparador.

Quando, acordou sentou-se na cama, e muito risonha, informou:

— Pronto, avó Concha, já dormi.

— E dormiste bem?

— Muito bem. Fui com a Deolinda a *Palis*.

— Mas foste a Paris e gostaste muito?

— Não. Gosto mais de Amarante e ainda mais de

Lisboa.

— Gostos não se discutem, mas dize-me: O que foi que mais te agradou na tua visita ao Aquário de Algés?

— A avó Concha sabe que eu lá fui?!

— Sei.

— Quem disse?

— Um dedo que me adivinha tudo.

— Então, se êle adivinha, para que pergunta?

— Porque quero saber qual dos dois fala verdade, se és tu, se é êle.

— Oh! A Amêlinha fala sempre verdade. Mentir é muito feio!...

— Também acho, mas o meu dedo nem sempre é verdadeiro; por isso, se êle mentir, tu vais envergonhá-lo e chamar-lhe mentiroso e peteiro. Queres?

— Pois sim. Que diz êle?

— Que a Amêlinha andou em Algés apanhando sementes de eucalipto ás quais chamou dedais. E' verdade?

— E'. Apanhei muitos dedais, mas como soube o dedo isso?

— Pergunta-lh'o.

— Quem é que te disse que eu andei a apanhar dedais?

— Sei tudo, adivinho. Não apanhaste só dedais, também andaste na praia ás conchinhas.

— E' verdade. Já percebo, foi o tio Luís que te disse.

— Mas, no Aquário, de que é que mais gostaste?

— Dum peixe muito espertinho e muito agasalhado que lá vi.

— Um peixe agasalhado?!

— Sim, tem uma grande capa, como as senhoras grandes e traz a cabecinha muito espertinha e as mãos de fora.

Peguei num livro de zoologia e mostrei-lhe a tartaruga.

— E' isto?

— E'.

— Não é um peixe a tartaruga: é um animal anfíbio.

— O que é anfíbio, avó Concha?

— E' o animal que se dá na água e em terra. Tambêm se chama anfíbio a uma criatura que sustenta opiniões diferentes.

— O que é opiniões diferentes?

— Por exemplo, a Amelinha é branca. Eu sei isso muito bem, mas digo que ela é preta umas vezes e outras digo que é branca, mas se duma vez estou na verdade, na outra estou em êrro; contudo nem por isso deixo de sustentar opiniões opostas e a quem procede assim é que se chama uma criatura anfíbia. Percebeste?

— Percebi. A avó Concha é preta e é branca, como a Amelinha quiser dizer. Ela sabe que diz o que não é verdade e diz uma cousa e outra conforme lhe convêm, é anfíbia. Avó, és preta, preta, e branca, branca; eu sou anfíbia.

E bateu as mãos rindo com gôsto e repetindo a palavra, para ela nova, visto que ainda não a conhecia.

— Queres uma história, avó?

— Se te lembra alguma que seja interessante...

— Muito interessante!

— Então conta. Sou tôda ouvidos.

— Era uma vez uma vaquinha, que tinha um vitelinho branco e loiro de que gostava muito. Um dia vieram os homens comprá-lo e levaram-no para o Matadouro. O vitelinho poz-se aos berros e a vaca desde êsse dia ficou muito triste e sósinha.

— E depois?

— Não tem mais nada. E' simples. Não tens pena, avó Concha?

— Tenho, mas acho a história muito pequena.

— E', mas é muito triste. Agora conta tu uma que seja alegre.

— Era uma vez uma preta muito pequena e bonita, com uma carapinha anelada e bem tratada e uns dentes de grande alvura que pareciam talhados em pétalas de alvos lírios.

— Era mais grande que eu? perguntou curiosa Amêlinha.

— Não. Tinha pouco mais ou menos o teu tamanho e chamava-se Cravina. Esta pretinha não tinha pai nem mãe e foi trazida a uma senhora do meu conhecimento por um seu filho que era oficial de marinha e esteve muitos anos em Africa.

A senhora ao receber aquele inesperado presente não ficou satisfeita, mas a pretinha que já aprendera algumas palavras de português, perguntou-lhe com tanta graça: «Não gosta de mim?» que ela sentiu-se comovida, e desde aquela hora estimou-a com o enternecido carinho duma verdadeira mãe. E realmente mãe lhe chamava Cravina. Uma tarde, D. Joana levou Cravina a passeiar á praia de Algés onde brincavam muitas crianças brancas. Vendo a pretinha, fizeram-lhe círculo e começaram a cantar uma cantiga então em voga:

O' balancé, balancé,  
Balancé da neve pura!  
O' minha Salve Rainha,  
O' minha vida doçura.

A pretinha, que era muito esperta, e percebeu que naquela *neve pura* havia muita ironia, disse de pronto:

— As meninas enganam-se; para mim, a cantiga não é assim.

— Então como é?

E':

O' balancé, balancé,  
Balancé da noite escura!

A neve não mata a fome  
O chocolate é que a cura.

Tôdas riram muito da graça da pretinha, e uma menina, muito pequena, perguntou á mãe se as pretas davam de mamar aos meninos chocolate em vez de leite.

— Não, minha filha, tôdas as crianças mamam leite.

— Então porque é que elas são brancas umas e outras não?

— E' uma questão de raça. O que lhes dá a côr diferente é uma substância granulosa que se desenvolve debaixo da pele a que se dá o nome de pigmento.

— Então quando nasce um preto, já é preto?

— Não; o preto nasce branco como as palmas das mãos, mas 24 horas depois já está completamente pigmentado. As palmas das mãos é que lhes ficam sempre brancas.

— Eles parecem-se muito com os macacos, pois não parecem, avó?

— Não. Ha brancos mais parecidos com os macacos de que os pretos. Tôdas as raças teem tipos de beleza e de fealdade. Olha, minha neta, ás vezes em corpos lindos guardam-se almas muito feias, e vice-versa. Crê, neste mundo, não ha nada que seja superior á bondade.

— A avó Concha acha que a Amelinha é bôa?

— Conforme. Quando faz as vontades á avó, é boa; quando as não faz, é má.

— E agora?

— Agora és linda como um Anjo.

— Os anjos vôam no céu, avó? Não precisam de aeroplanos?

— Pois não.

— Eu gostava de ter azas para viajar no céu; a minha avó não gostava?

— Não. Gosto mais de andar por onde anda a raposa.

— Vamos para a janela, avó Concha?

— Se isso te dá gôsto...

— Dá.

Abri a janela e, chegando uma cadeira, puz Amêlinha sôbre ela e aproximei-a do peitoril. Encostou nele o cotovelo e descansou na mãosita o pequeno rosto em atitude sismadora.

— Em que pensas, minha linda neta?

— Penso em que, quando a Amêlinha for grande, pode passeiar só por tôdas as partes sem estar á espera que a venham buscar.

— Já estás então aborrecida de me fazer companhia? Preferias ir passeiar de *pó-pó* com o avó Alberto?

— Não digas *pó-pó*, avó Concha, diz automóvel.

— Tu gostas de passeiar de automóvel? Gosto mais do electrico apesar das pessôas não serem sempre bem educadas.

— Não são? Tens a certeza disso?

— Tenho. Os homens vão sentados e as senhoras de pé. Quem é aquele pequeno que vem a rir-se para cá?

— É' o meu afilhado.

— Que farda é que êle traz?

— A do colégio militar. Tu também querias ter uma farda?

— Não, que eu sou menina; as fardas são para os rapazes.

— E não tens pena de não ser rapaz?

— Não, minha avó, os homens são para a guerra.

— E tu não querias ir para a guerra?

— Não, que lá fazem mal.

Nisto chegava Antoninho, o meu encantador afilhado. Trocados os cumprimentos, disse-lhe que a minha neta não desejava ser militar nem ir para a guerra. Êle sorriu com a superioridade dum homem que vê diante dos olhos a possibilidade de correr êsse risco e, com a inteligência que o caracteriza, mostrou que um homem de rija têmpera, se prefere a paz, está sempre pronto para a guerra quando a Pátria o reclama.

Amélinha ouvia-o com o vivo interêsse de quem já compreende tudo quanto ouve. Por fim perguntou-lhe:

— Tu não sabes histórias?

— Gosto muito de as ler, mas agora não tenho tempo.

— Porquê? perguntou ela curiosa.

— Tenho muito que estudar para manter as notas do ano passado, respondeu êle com a superioridade duma criatura que conhece as responsabilidades da vida.

— A avó Concha não sabe uma história que chegue para êle e para mim?

— Então não sei?!

— Não sabe, não. Êle é tão grande e eu sou ainda tão pequenina, . . .

— Pois apesar disso vais ver que sou capaz de contar uma história que os interesse aos dois.

Olharam-me ambos com uma certa desconfiança, e eu comecei:

— Um dia, bateram á porta de casa da avó Concha três fortes pancadas.

Amêlinha interrompeu:

— Então a campainha já não trabalha?

— Trabalha, mas quem batia não reparara que a porta tinha campainha. Amêlinha chegou à janela e voltando se risonha para dentro, disse: — Minha avó está aqui o seu afilhado.

— Dize-lhe que entre.

— Agora não póde, vem a cavallo.

— Vem a cavallo o Antoninho?!

— E' verdade, monta um lindo cavallo baio. E pede para a avó chegar à janela.

Apressei-me a satisfazer um desejo que correspondia ao meu, e Antoninho, aproximando com facilidade

a sua montada da janela, curvou-se gentilmente para me beijar.

— Como vens garboso! exclamei eu satisfeita de o ver tão resplendente de saúde e mocidade.

— Bem dizia eu, afirmou Amêlinha, que a minha avósinha não sabia contar uma história que chegasse para os dois. Fala dele e só dele e então eu?

— Estás muito apressada. Já lá vamos. Deixa-me continuar: O cavalo de Antoninho encabritava-se e êle gostava de mostrar que o dominava com a perícia e graça de um cavaleiro consumado.

— Sabe, Madrinha, disse êle conseguindo aproximar-se de novo, vinha convidá-la para ir com a Amêlinha passar comigo um domingo à beira-mar. Aceita? Queria que me visse nadar.

— Pois sim, no domingo iremos os três à Trafaria.

— Sem falta?

— Está prometido.

O Antoninhô despediu-se e partiu a galopê, e Amêlinha perguntou-me:

— Tens a certeza, avósinha, que me deixarão ir contigo?

— Tenho, basta ser um passeio que te faz bem.

— Tu também gostas de apanhar conchinhas na praia?

— Pois gosto. Não sabes que duas vezes somos crianças?

A' noite o pai veio buscar Amêlinha e prometeu

que no próximo domingo ela viria preparada para o longo passeio, com um grande chapéu de palha que a resguardasse do sol.

A neta, a avó e o afilhado desta passaram toda a semana a pensar no delicioso passeio que tencionavam dar e a fazer projectos de quem se havia de divertir melhor.

Chegou afinal o grande dia e os três encontraram-se no Cais do Sodré. Era quasi a hora da partida, a sereia dera já o primeiro sinal quando a avó Concha entrou no vapor entre os seus dois alegres companheiros. As rodas batiam rumorosamente as águas franjando-as de alvinitente espuma, dois moços de bordo retiravam as amarras e o vapor todo pintado de branco, sulcou as águas, sereno como uma gaivota. A tol-da já cheia de gente que se dispunha a ir passar ahí uma alegre jornada. Amelinha debruçada sobre as águas encantava-se com a franja de espuma a que chamava renda e Antoninho estacara em frente de dois bandolinistas que tocavam e cantavam para esmolar alguns magros tostões com que matar a fome. O mais velho tinha uma longa barba branca e era cego dos dois olhos, o mais jovem ainda imberbe tinha um aspecto macilento e dolorido que mostrava passar privações.

Contemplando-os longamente, o semblante de Antoninho anuveou-se e voltando junto de mim afirmou:

— Que pena me faz esta gente, Madrinha: deve

ser tão triste cantar por necessidade e talvez com vontade de chorar!

— Não é, não. Diz a cantiga que canta a Deolinda quando está a ensaboar :

Quem canta seu mal espanta . . .  
Eu puz-me então a cantar.

A minha neta interrompeu a quadra para dizer tôda contente, batendo com a mão no peito: — Esta Amelinha é que ouviu aquilo quando tu falaste no vapor e ela ia a ouvir as rodas fazer pfuque, pfuque, pfuque, pfuque.

Antoninho, sorrindo, garantiu-lhe que não tivera a menor dúvida que era ela que entrava em scena.

A história continuou :

O cego cantava :

As ondas rolam na praia  
Suas queixas murmurando  
Como o sol quando desmaia  
Saudades nos vai deixando.

Cada barca navegando  
Que se deixa de enxergar  
Lembra ilusões que, passando,  
Não tornam mais a voltar.

Meu coração, não esmoreças,  
Vai tuas penas cantando.  
Pois não quero que padeças  
Em quanto o sol fôr baixando.

Basta a mágua que, ficando,  
Nós temos de o ver partir.  
Ouve as águas soluçando  
Ansiosas de o ver surgir.

Parte e chega, volta e vai  
Afogar-se nestas águas.  
Assim dos lábios me sai  
A expressão de fundas máguas.

Meus olhos já não tem vista,  
Meu cabelo não tem côr,  
A ventura de mim dista,  
Só tenho próxima a dôr.

Vou sentar-me sôbre a areia  
Ouvindo as águas chorar.  
Ao surgir da lua cheia  
A Lisboa hei de voltar.

As águas rolam na praia  
A torcer-se e soluçando

Assim minh'alma dismaia  
Tantas máguas recordando.

Rolam as águas no mar,  
Rolam ideias na mente,  
Não se deve recordar,  
Chega bem o mal presente.

O cantor mais novo ergueu-se e tirando o chapéu correu em volta do vapor a improvisada bôlsa. Todos os passageiros concorreram gostosamente com o seu óbulo, e Antoninho e Amêlinha quiseram dar quanto levavam impressionados pelo canto e pela cegueira do pobre velho.

— Avó Concha, perguntou a minha neta; qual é mais infeliz: é o senhor que vê e pede, ou o velho que não vê e canta?

Antoninho fitou em mim os olhos expressivos esperando também uma resposta e eu quedei-me perplexa sem saber que responder. O doloroso problema era de tão difícil solução!

— Então, minha avôsinha, não ouviste o que te perguntei?

— Ouvi, meu amor, mas a resposta é muito difícil e precisa ser pensada. Quem não vê e canta, sofre muito, está á mercê de todos, pode ser enganado, maltratado, emfim basta não ter luz para ser desgraçado; mas quem vê e pede, olha que o não é menos.

Quantas vezes vê que a sua música não agrada, a esmola é dada de má vontade... emfim a misericórdia de Deus é infinita. Pode dar-se que a cegueira, ás vezes, seja um bem e que ter vista e pedir não seja um mal: depende da sorte de cada um. Estamos chegados.

Os passageiros precipitaram-se para a escada de madeira na ânsia do desembarque. Eu, Amélinha e Antoninho preferimos esperar.

Erguemo-nos vagarosamente do banco, subimos a escada, atravessámos a ponte e chegámos emfim ao areial.

— Que lindo dia! exclamou Antoninho; primeiro que tudo, Madrinha, deixe-me nadar.

O desejo de Antoninho foi satisfeito. Vestiu o seu fato de banho e lançando-se á água nadou como um peixe.

— E a Amélinha? perguntou a minha neta receiosa de ser esquecida.

— A Amélinha vestiu um lindo fato de banho em listas vermelhas e negras e foi ao colo do meu afilhado tomar dois grandes mergulhos voltando logo para terra.

— Então lá não ha banheiro? perguntou a minha neta admirada.

— Ha, mas a avó tem mais confiança na valentia do Antoninho. Depois, logo que se tomou o banho, fomos para o pinhal e ali almoçámos copiosamente. Em seguida voltámos para a praia. Antoninho cons-

truiu uma fortaleza na qual poz a tremular uma bandeira branca improvisada por um lenço.

Amêlinha, descalça, enterrava os pés na areia e dizia sorridente.

— Olha, Avó Concha, a Amêlinha já não tem pés, coitadinha! Não tens dó?

— Tenho, minha filha, muito dó, mas espera: vou fazer-te melhor. Deixa vêr as mãosinhas.

E enterrei-lhas também na areia. — Agora nem pés nem mãos! Como hasde sair daí?

— Assim, respondeu Amêlinha dando um salto e deitando a correr pelo extenso areal.

— Eu dei um pulo muito grande! afirmou Amêlinha radiante, arrastando muito as duas sílabas da última palavra.

— Passámos um dia muito divertido e á tarde, comendo magníficas raivas do «Bom Sucesso», regressámos a Lisboa.

Estava um lindíssimo fim de dia que justificava a canção do velho cego á ida para a Trafaria, mas, como tudo anda desencontrado, desta feita não era o velho que animava a travessia com os sons da sua voz já gasta, mas ainda formosa. Duas pequenas espanholas cantavam quadras da sua terra entusiasmado os passageiros com a bulha das castanholas e do pandeiro, o seu sapateado, agilíssimo, e os seus «olés» ensurdecadores. Amêlinha zangou-se de não compreender as cantigas e a avó, condescendente,

como sempre que se trata de a alegrar, prestou-se a traduzi-las em rápido improviso:

Eu sou da terra das maçãs vermelhas,  
Alegres e vistosas,  
Das azeitonas negras e pequenas  
Mas muito saborosas.

Eu sou da terra do vinho doirado,  
Mais doce do que o mel.  
Da terra onde descanta noite e dia  
A rolinha fiel.

Da terra onde se enastram os cabelos  
Com cravos encarnados,  
Onde geme a guitarra, e o pandeiro  
Convida aos sapateados.

Se Lisboa é bonita, a minha terra  
Bem mais formosa é.  
Também assenta em alegres colinas  
E tem um rio ao pé.

Os rapazes são fortes e morenos,  
Com olhos côr da noite.  
Ninguém como êles p'ra domar um toiro  
Sem ter onde se acoite.

Vencem-nos em garbo e galhardia,  
Fascinam pelo olhar  
Não ha rapazes como lá na terra.  
Como sabem dançar!

As raparigas também são gentis  
E teem bôa voz.  
Parece que se quebram na cintura.  
São tal qual como nós.

Alegres, cantadeiras, sorridentes,  
Gostando de bailar,  
Não só na ceifa como na vindima  
E em noites de luar.

Se Lisboa é bonita, a minha terra,  
Esse rincão espanhol,  
Em noites de luar não ha melhor  
Nem em dias de sol.

E' terra onde os rapazes são morenos  
Com labios de romãs,  
Onde as mulheres teem tranças negras.  
E são como as maçãs

Vermelhinhas, alegres e vistas  
Cõ'o viço do pomar.  
Ai! não ha terra como a minha terra  
Quem dera lá voltar.

E ouvindo os repenicados cantos das duas graciosas raparigas, chegámos outra vez a Lisbôa e tomámos o carro de Bemfica com a satisfação que dá um dia bem passado. Chegando a S. Sebastião da Pedreira, a Avó, Antoninho e Amêlinha apeiaram-se. A mãe já esperava Amêlinha para a levar para casa. Assim terminou agradavelmente êsse dia.

— Diga-me uma cousa, Avó Concha : isso tudo que acaba de contar, foi verdade?

— Não, mas podia ter sido exactamente assim.

Bateram á porta. Era o Chico Antas que vinha buscar Amêlinha. Ela despediu-se de todos e já quasi na rua observou-me :

— Afinal, avó, foi como se tivéssemos ido á Trafaria. O que é que ficava do passeio? Uma história como a minha avósinha contou e mais nada.

Abracei-a com transporte. Esta observação da Amêlinha vale um grosso volume de filosofia. Realmente, é muita vez preferível contarmo-nos histórias do que vivê-las porque o que é que fica de tudo na vida? Apenas uma história.

O que é forçoso é que essa história seja bôa e se demonstre nela ter bons e elevados sentimentos. Um grande poeta francês dizia que nascer não é tudo ; é necessário ter uma bela morte.

Eu, filosofando com Antoninho ácerca da judiciosa observação da Amêlinha, concluí :

— O ideal, na vida dum homem, é nascer bem, viver melhor e morrer belamente.

— Como meu pai? indagou com tristeza Antoninho.

— Não, isso não é para desejar, ainda que ha uma grande beleza trágica na morte de teu pai. Por ser o comandante da esquadilha, quis para si o pior avião e foi no cumprimento altruista do dever que êle morreu. A sua morte tem beleza e grandeza, é *um despeñar de estrêla*, mas pode-se ter uma morte bela sem ser horrivelmente trágica. Comtudo felizes os que morrem no cumprimento sagrado do dever.

E abraçando Antoninho que tinha os olhos rasos de água, mudei de assunto.

Pouco depois êle despediu-se e retirou-se seguindo o mesmo caminho que anos antes tinha feito com seu pai e voltando-se do mesmo modo para me dizer adeus ao chegar á esquina da rua como então tinha feito.

O passado substituiu momentâneamente o presente aos meus olhos e foi a vez de eu chorar, lembrando-me ao mesmo tempo uns versos duma notável poetisa francesa cujo sentido é êste, pouco mais ou menos:

Tenhamos alegria  
Na terra ao ir vivendo,  
Forte, alegre, sádia,  
Serena e radiante

Forque o Passado, tendo  
Ainda a ousadia  
De vir a cada instante  
Tristezas recordar,  
Faz-nos sentir saudade  
E muita vez chorar.

Enxuguei os olhos e recuperei a alegria. E' forçoso ser-se alegre na vida para bem dos outros e nosso. Todo aquele que domina a tristeza e sorri, é digno do nome de homem. E não querendo ficar inferior á neta, terminarei êste livro como ela terminou a sua visita — por um belo dito. «Tôda a criança que se contraria, domina e vence, já não é uma criança, é verdadeiramente um grande homem ou uma grande mulher».

FIM

# INDICE

	Pag.
O animatografo.....	5
A Estrela de Jéchiel.....	9
O forte.....	15
Qual é mais rico?.....	23
A fada luminosa.....	31
Sem sombra.....	47
A quem Deus promete.....	57
Piloto.....	63
O tio Boticas.....	65
A experiencia alheia.....	75
A madrinha do rebanho.....	79
Lúlú e Lili.....	91
A morte da borboleta.....	97
Amélinha.....	101







